

# ARTE, CULTURA E PATRIMÓNIO DO ROMANTISMO



ACTAS DO 1º COLÓQUIO  
“SAUDADE PERPÉTUA”



## **Título**

Arte, Cultura e Património do Romantismo

Actas do 1º Colóquio “Saudade Perpétua”

## **Autores**

Ana Catarina Necho

Ana Paula Morais

António Francisco Cota Fevereiro

António Teixeira Lopes Cruz

Cláudia Emanuel

Cristina Maria R. S. Ramos e Horta

Daniela Alves

Duarte Serrano

Elen Biguelini

Francisco Queiroz

Hélder Barbosa

Nuno Borges de Araújo

Nuno Saldanha

Nuno Simão Ferreira

Patrícia Alho

Paulo de Assunção

Ricardo Charters d’Azevedo

Rita van Zeller

Rui Manuel da Costa Fiadeiro Duarte

Sílvia Barradas

Susana Moncívio

Tiago Henriques

## **Coordenação editorial**

Francisco Queiroz

## **Edição**

CEPESE - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade

## **Apoio à edição**

Ricardo Charters d’Azevedo

## **Colaboração na revisão**

Odília Gameiro

## **Concepção gráfica**

Andreia Pais da Cunha

## **Paginação**

Andreia Pais da Cunha e Rita Manso

**Edição:** Dezembro de 2017

**ISBN:** 978-989-8434-39-5

© Os direitos desta publicação pertencem aos seus autores, estando protegidos pela legislação em vigor: é vedada a reprodução não autorizada de textos e imagens. Todos os conteúdos são da responsabilidade dos respectivos autores, incluindo a selecção das imagens e a indicação dos respectivos créditos, assim como a norma ortográfica adoptada.

# ARTE, CULTURA E PATRIMÓNIO DO ROMANTISMO



ACTAS DO 1º COLÓQUIO  
“SAUDADE PERPÉTUA”



# 1º COLÓQUIO “SAUDADE PERPÉTUA”

Arte, Cultura e Património do Romantismo  
Vila Nova de Gaia e Porto, 24-26 de Junho de 2016

## COMISSÃO CIENTÍFICA

- § Francisco Queiroz (CEPESE)
- § Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Escola das Artes da UCP; CITAR-EA / UCP)
- § Isabel Andrés Marques (Universidade Lusófona do Porto / CEPESE)
- § Isilda Braga da Costa Monteiro (Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti / CEPESE)
- § Jorge Ricardo Pinto (Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo)
- § Nuno Saldanha (IADE Creative University – Laureate International Universities)
- § José Manuel Lopes Cordeiro (Universidade do Minho)
- § Teresa Portela Marques (Universidade do Porto)

## COMISSÃO ORGANIZADORA

Ana Motta Veiga  
Ana Paula Morais  
Belmira Coutinho  
Bruno Rodrigues  
Cristina Moscatel  
Idalina Moreira  
Francisco Queiroz

## COMUNICAÇÕES APRESENTADAS

- § Ricardo Charters d’Azevedo – *Códigos de bom-tom ou de civildade*
- § Duarte Serrano – *Perfis Diplomáticos Portugueses no Médio Oriente: de Lisboa para Constantinopla*
- § Paulo de Assunção – *A saudade é cor de rosa: memórias de Amélia de Leuchtenberg, Imperatriz do Brasil*
- § Pedro Pascoal – *Furnas, entre jardins e banhos: vilegiatura e sociabilidade na segunda metade do século XIX na ilha de São Miguel (Açores, Portugal)*
- § Rui Manuel da Costa Fiadeiro Duarte (de Cifantes e Leão) – *Cafés Históricos do Porto*
- § Anna Salvatori / Maria di Noia / Francisco Queiroz – *A Companhia Aurifícia: história e legado*
- § Sílvia Barradas – *Mobiliário Urbano de Fundação Artística na Lisboa Oitocentista*
- § Patrícia Alho – *O Subsistema hidráulico superior nos jazigos dos Benfeitores (Cemitério do Alto de São João em Lisboa) e dos Condes do Ameal (Cemitério da Conchada em Coimbra). Caso de Estudo*
- § António Teixeira Lopes Cruz – *As figuras de costumes populares de José Joaquim Teixeira Lopes*
- § Gonçalo de Vasconcelos e Sousa / Madalena de Paiva Brandão – *Uma fotógrafa amadora no Porto, Branca de Almeida Coutinho e Lemos (Seixo), e o registo do quotidiano de uma adolescente ao tempo da 1.ª Grande Guerra*
- § Nuno Borges de Araújo – *Imagens da ausência: o retrato fotográfico como simulacro durante o período romântico*
- § Susana Moncívio – *Maria da Glória da Fonseca Vasconcelos (n. 1831) e Leonor Augusta Gonçalves Pinto (n. 1849), elementos de uma família de artistas ativos no Porto e em Vila Nova de Gaia, entre o século XVIII e o século XX*

- § Cristina Moscatel – *Desenhar (n) a ilha: ensino e difusão da prática do desenho em São Miguel na segunda metade de Oitocentos*
- § António Francisco Cota Fevreiro – *Os espaços de culto privados na transição do século XIX para o XX*
- § Tiago Henriques – *O 1º Conde de Valenças e a encomenda artística, através de correspondência do Arquivo da Casa de Lourical*
- § Flávio Rodrigues Fonseca Silva – *A influência de Gustavo Adolfo Gonçalves e Sousa na paisagem urbana oitocentista da cidade do Porto*
- § Jorge Ricardo Pinto / Daniela Alves / Hélder Barbosa – *O «bairro inglês» do Porto: processos e percursos no Porto de Oitocentos*
- § Rui Manuel da Costa Fiadeiro Duarte (de Cifantes e Leão) – *Sebastião Sampaio de Souza Sanbudo: a sua vida e a sua obra (1851-1901)*
- § Elen Biguelini – *Maria Peregrina de Sousa e sua irmã, Maria do Patrocínio de Sousa, no periódico «A Grinalda»*
- § Hélder Barbosa / Daniela Alves / Francisco Queiroz – *Abílio Augusto Monteiro (1851-1913): esboço de uma biografia*
- § Ana Catarina Necho – *Miguel Augusto Bombarda: uma figura incontornável da Política e Medicina Portuguesa*
- § Marília Peres – *Os laboratórios de química do século XIX: fábricas do saber e palcos do Romantismo*
- § Nuno Saldanha – *Francisco Metrass e os valores românticos de Eros e Tanatos*
- § Jorge Costa – *António José Patrício (1827-1858): singularidades de uma obra de pendor biográfico no contexto do Romantismo português*
- § Ana Paula Morais – *Guimarães urbano do século XIX a partir de três quadros de Roquemont*
- § Cristina Maria R. S. Ramos e Horta – *Um palacete romântico nas Caldas da Rainha*
- § Cláudia Emanuel – *Fontes iconográficas e estudos prévios na obra azulejar de Jorge Rey Colaço*

## PROGRAMA PARALELO E PROGRAMA SOCIAL

### 24 de Junho

- § Apresentação virtual da obra “Os catálogos da Fábrica das Devesas”, de Francisco Queiroz, e visita à exposição “António Almeida da Costa – Arte, formação, indústria & inovação”
- § Visita nocturna guiada por Francisco Queiroz ao Cemitério da Lapa, com a colaboração de Idalina Moreira, subordinada ao tema: “Emídio Carlos Amatucci: vida e obra” (visita organizada pela Câmara Municipal do Porto).

### 26 de Junho

- § Visita guiada por Jorge Ricardo Pinto à Rua de Cedofeita no século XIX
- § Visita guiada por Sónia Faria à antiga botica do Hospital de Santo António
- § Almoço do 5º Aniversário do Grupo “Saudade Perpétua” no Museu Nacional Soares dos Reis
- § Visita guiada por Ana Motta Veiga ao Museu Nacional Soares dos Reis
- § Visita guiada por Ana Paula Morais ao Museu Romântico
- § Visita guiada por Francisco Queiroz aos jardins do Palácio de Cristal e à Capela de Carlos Alberto (visita organizada pela Câmara Municipal do Porto, no âmbito das comemorações dos 150 anos do Palácio de Cristal do Porto)



# À perpétua

Pastores destes vales habitantes,  
Pastores que viveis nesta espessura;  
Quero de vós saber se por ventura  
Há no mundo perpétuas inconstantes.

Nos montes mais vizinhos e distantes  
Entre vós a perpétua sempre dura,  
Animada daquela igual ternura  
De vossos corações firmes e amantes.

Por não ter de alecrim a variedade,  
Conserva sempre o ser de amor-perfeito,  
Sem que entre nela o roxo da saudade,

O tempo lhe não muda o raro efeito,  
E sendo tenra flor, na realidade  
Tem duração eterna em nosso peito.



Catarina Micaela de Sousa César e Lencastre,  
Viscondessa de Balsemão

(1749-1824)







# Apresentação

O Grupo Saudade Perpétua foi fundado no Facebook em 10 de Julho de 2011. Inicialmente, foi inspirado na experiência enriquecedora que tinha como membro de um outro grupo dito “secreto” existente nas redes sociais, o qual se destinava à partilha e discussão de imagens antigas de Portugal ou de portugueses, criado pela reconhecida olissipógrafa Marina Tavares Dias.

A minha ideia foi tentar transpor o conceito, de grupo de partilha fechado mas suficientemente abrangente para abarcar desde académicos a curiosos, a um tema mais vasto, ainda que perfeitamente delimitado: o Romantismo em Portugal. Assim, o propósito inicial do Grupo Saudade Perpétua, e que ainda se mantém, era o de permitir a partilha, num ambiente confinado mas informal, de fontes, pesquisa inédita e curiosidades sobre as vertentes estética, cultura e social do Romantismo em Portugal. Urbanismo, Arquitectura, Escultura, Tumulária, Azulejaria, Estuques, Pintura, Gravura, Fotografia, Artes Aplicadas, Moda e Publicidade, Costumes e Curiosidades, eram apenas alguns dos tópicos possíveis.

O Romantismo em Portugal, sobretudo na sua vertente estética, não é uma área em que haja muitos investigadores “fiéis”, se assim podemos dizer. Mas muitos dos investigadores que insistem em pesquisar o tema, nas suas mais diversas vertentes, foram entrando para o Grupo Saudade Perpétua.

Ao longo dos anos que se seguiram, o Grupo raramente teve mais do que 150 membros, mas, entre eles, pontuam verdadeiros especialistas em certas áreas do saber relacionadas com o Romantismo ou com o século XIX em geral. Por esse motivo, e porque, durante muito tempo, o lado estético e cultural do Romantismo foi sendo menosprezado em Portugal (com excepção, talvez, da vertente literária e, mais recentemente, de abordagens de carácter regional e local, como os congressos sobre o Porto Romântico, na Universidade Católica), predominando, sim, as análises sociais, políticas e económicas, percebi que faltava um espaço em que os investigadores pudessem formalmente partilhar os seus trabalhos já estruturados, não só para os demais membros do Grupo Saudade Perpétua, mas também para fora do mesmo. Inicialmente, pensei na edição de uma revista, enquadrada por um centro de investigação – neste caso, o CEPSE: Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade

(Universidade do Porto). Porém, tal ideia revestia-se de várias dificuldades e limitações. Ora, desde o início, foi hábito do Grupo Saudade Perpétua realizar eventos para os membros e seus convidados, que invariavelmente incluíam visitas a alguns edifícios e espaços do Romantismo menos conhecidos ou menos acessíveis ao público em geral. Por isso, entendi que havia condições para que o Grupo organizasse um evento que tivesse também uma componente de divulgação do conhecimento científico produzido pelos membros. Além disso, alguns dos mais prolixos investigadores do Romantismo em Portugal não aderiram às redes sociais e, portanto, um evento científico permitiria que pudessem também participar com os seus contributos.

## 1º COLÓQUIO “SAUDADE PERPÉTUA”

Gaia | Porto | 24-26 Junho 2016



### AUTORES DAS COMUNICAÇÕES:

|                                  |                            |
|----------------------------------|----------------------------|
| Ana Catarina Necho               | Jorge Costa                |
| Ana Paula Morais                 | Jorge Ricardo Pinto        |
| Anna Salvatori                   | Madalena de Paiva Brandão  |
| António Francisco Cota Fevereiro | Maria di Noia              |
| António Teixeira Lopes Cruz      | Marília Peres              |
| Cláudia Emanuel                  | Nuno Borges de Araújo      |
| Cristina Moscatel                | Nuno Saldanha              |
| Cristina Ramos e Horta           | Patrícia Alho              |
| Daniela Alves                    | Paulo Assunção             |
| Duarte Serrano                   | Pedro Pascoal              |
| Elen Biguelini                   | Ricardo Charters d'Azevedo |
| Flávio Rodrigues Fonseca Silva   | Rui M. C. Fiadeiro Duarte  |
| Francisco Queiroz                | Sílvia Barradas            |
| Gonçalo de Vasconcelos e Sousa   | Susana Moncívio            |
| Hélder Barbosa                   | Tiago Henriques            |



**ORGANIZAÇÃO:**  
Grupo de Investigação “Património, Cultura e Turismo” do CEPESE  
Grupo “Saudade Perpétua”

**PARCEIROS:**  
Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner / Município de Gaia  
CHIP - Culture, Heritage and Identity in Porto / ISCET  
Museu do Centro Hospitalar do Porto

**APOIO:**  
Associação Histórias Sábias (Açores)

**COMUNICAÇÕES:**  
Gaia - Arquivo Municipal  
Sophia de Mello Breyner

**VISITAS GUIADAS:**  
Porto - diversos locais

Cartaz do 1º Colóquio  
“Saudade Perpétua”

Foi assim que nasceu o 1º Colóquio “Saudade Perpétua”, assinalando o 5º aniversário do Grupo Saudade Perpétua. Foi o primeiro evento científico em Portugal dedicado ao Romantismo proposto e dinamizado por um grupo com carácter informal, que não é uma associação sequer. De modo a contornarmos esse óbice, o evento foi co-organizado pelo CEPESE, através do seu Grupo de Investigação “Património, Cultura e Turismo”, do qual era então coordenador adjunto, ainda que, na prática, o apoio do CEPESE veio sobretudo do seu secretariado, nomeadamente do Bruno Rodrigues, que tratou das inscrições e respectiva contabilidade, além de algum material de apoio.

Tivemos, como parceiros, o Município de Gaia, através do Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner, que nos cedeu o espaço para a realização do colóquio e deu também apoio na montagem do mesmo, tendo cabido à sua directora, Alda Temudo, abri-lo formalmente. No tocante às visitas guiadas, tivemos também como parceiros o CHIP / ISCET (Culture, Heritage and Identity in Porto / Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo), através do seu coordenador, Jorge Ricardo Pinto, e ainda o Museu do Centro Hospitalar do Porto, através da técnica de museologia Sónia Faria. Contamos ainda com o apoio da Associação Histórias Sábias, dos Açores, que mandou fazer uma edição limitada de cadernos comemorativos do colóquio.

À chamada de comunicações responderam vários proponentes, mais do que aqueles que poderíamos ter num colóquio de um dia, visto que estava colocada liminarmente de parte a hipótese de sessões paralelas. Por isso, o colóquio passou a ser de dois dias – 24, 25 e 26 de Junho de 2016 – sendo o terceiro dia dedicado apenas a visitas guiadas e convívio.

É geralmente considerado que o Romantismo expressa-se em Portugal de forma mais marcada no período de 1834 a 1910, correspondente ao Liberalismo. Apesar disso, quer em certas áreas do conhecimento e das artes, quer em certas franjas sociais, são conhecidos diversos fenómenos pré-românticos e também tardo-românticos. Assim, as actas do 1º Colóquio “Saudade Perpétua” contêm alguns textos que extravasam o referido âmbito cronológico, sem, contudo, se afastarem do conceito de Romantismo, num sentido lato. Contêm ainda textos que, em parte, extravasam o contexto português – o que, desde o início, foi uma possibilidade, visto serem desejáveis os paralelismos com culturas próximas à portuguesa, ou que serviram de modelo ao Romantismo português.

Alguns dos textos correspondentes a temas efectivamente apresentados durante o colóquio acabaram por não ser entregues, essencialmente por falta de tempo dos autores em concluí-los dentro do prazo<sup>1</sup>. Porém, excepcionalmente, este volume de actas contém dois textos que não foram apresentados durante o colóquio, um por impossibilidade da sua autora em apresentá-lo, e outro por falta de tempo disponível para ser incluído no programa. Surgem logo no início do volume, um porque enquadra historicamente o espaço em que se realizou o colóquio e o outro porque enquadra o nascimento de uma cultura romântica, nomeadamente ao nível literário.

Assim, o volume inicia com um documentado texto de Rita van Zeller sobre a história da Quinta das Palhacinhas, em Vila Nova de Gaia, em cuja casa – actual arquivo municipal – decorreu o colóquio, texto esse que inclui bastantes dados novos também sobre a família que deteve e habitou a dita quinta. Segue-se uma abordagem à emergência do Romantismo sob o ponto de vista literário, por Nuno Simão Ferreira, que aborda o Tratado da Velhice, da 4.<sup>a</sup> Marquesa de Alorna, conhecida nos meios literários da época com o pseudónimo Alcipe.

Os demais textos foram efectivamente apresentados durante o colóquio. Assim, Ricardo Charters d’Azevedo traz-nos uma abordagem sobre a evolução dos códigos de civilidade e de bom-tom, tão típicos do período romântico. Duarte Serrano aborda a questão das relações entre Portugal e outras nações no período romântico, exemplificando com a acção de várias personalidades nomeadas para representar o reino junto do Império Otomano. Paulo Assunção apresenta-nos uma visão biográfica da Imperatriz do Brasil, Amélia

<sup>1</sup> Os temas apresentados no 1.<sup>o</sup> Colóquio “Saudade Perpétua” cujos textos não se encontram neste volume são:  
§ Pedro Pascoal – *Furnas, entre jardins e banhos: vilegiatura e sociabilidade na segunda metade do século XIX na ilha de São Miguel (Açores, Portugal)*.

§ Anna Salvatori / Maria di Noia / Francisco Queiroz – *A Companhia Aurifícia: história e legado*.

§ Gonçalo de Vasconcelos e Sousa / Madalena de Paiva Brandão – *Uma fotógrafa amadora no Porto, Branca de Almeida Coutinho e Lemos (Seixo), e o registo do quotidiano de uma adolescente ao tempo da 1.<sup>a</sup> Grande Guerra*.

§ Jorge Costa – *António José Patrício (1827-1858): singularidades de uma obra de pendor biográfico no contexto do Romantismo português*

§ Cristina Moscatel – *Desenhar (n)a ilha: ensino e difusão da prática do desenho em São Miguel na segunda metade de Oitocentos*.

§ Flávio Rodrigues Fonseca Silva – *A influência de Gustavo Adolfo Gonçalves e Sousa na paisagem urbana oitocentista da cidade do Porto*.

§ Jorge Ricardo Pinto / Daniela Alves / Hélder Barbosa – *O «bairro inglês» do Porto: processos e percursos no Porto de Oitocentos*.

§ Marília Peres – *Os laboratórios de química do século XIX: fábricas do saber e palcos do Romantismo*.

de Leuchtenberg (segunda mulher daquele que viria a ser o Rei D. Pedro IV de Portugal), fundada sobretudo na correspondência que dela subsistiu. Rui Manuel da Costa Fiadeiro Duarte explora as vivências dos cafés oitocentistas históricos do Porto, quem os frequentava e como se caracterizavam. Em outro texto, o mesmo autor aborda a vida e a obra do caricaturista Sebastião Sampaio de Sousa Sanhudo (1851-1901). Sílvia Barradas analisa o mobiliário em metal fundido que guarneceu os espaços públicos na Lisboa oitocentista. Patrícia Alho aborda os monumentais jazigos revivalistas dos Benfeitores da Misericórdia de Lisboa e dos Condes do Ameal (respectivamente, no Cemitério do Alto de São João, e no Cemitério da Conchada), centrando-se nos seus subsistemas hidráulicos superiores. António Teixeira Lopes Cruz analisa a produção das célebres figuras de costumes populares concebidas por José Joaquim Teixeira Lopes. Susana Moncívio apresenta biografias de Maria da Glória da Fonseca Vasconcelos (n. 1831) e de Leonor Augusta Gonçalves Pinto (n. 1849), no contexto de uma família de artistas activos no Porto e em Vila Nova de Gaia, entre o século XVIII e o século XX. António Francisco Cota Fevereiro aborda os espaços de culto privados em edifícios da transição do século XIX para o XX, especialmente em Lisboa e arredores. Tiago Henriques analisa a encomenda artística do 1º Conde de Valenças, através de correspondência pertencente ao Arquivo da Casa de Louriçal, particularmente no que diz respeito ao edifício apalaçado que mandou reformar em Lisboa, à Lapa. Elen Biguelini analisa a produção literária de Maria Peregrina de Sousa e de sua irmã, Maria do Patrocínio de Sousa, no periódico «A Grinalda». Hélder Barbosa, Daniela Alves, e Francisco Queiroz traçam a biografia do notário, perito de escrita manual e publicista Abílio Augusto Monteiro (1851-1913). Ana Catarina Necho traça também uma biografia, a de Miguel Augusto Bombarda, enquadrando-a no contexto médico e político. Nuno Saldanha analisa a produção e a vida de Francisco Metrass, sob o ponto de vista dos valores românticos de Eros e Tanatos. Nuno Borges de Araújo aborda a questão do retrato fotográfico de pessoas falecidas e o seu uso como simulacro, durante o período romântico. Ana Paula Morais aborda três quadros de Augusto Roquemont como fonte iconográfica para um melhor conhecimento de Guimarães em meados do século XIX. Cristina Ramos e Horta apresenta as características mais interessantes do palacete do Visconde de Sacavém nas Caldas da Rainha, em contraste com a casa que o mesmo

mandou construir em Lisboa, à Lapa. Cláudia Emanuel analisa o problema das fontes iconográficas na obra azulejar de Jorge Colaço, e o modo como fazia os seus estudos prévios.

Em suma, pelo número de textos, pela transversalidade dos temas abordados, pelo facto de estes temas serem abordados por especialistas, vários dos quais com dissertações académicas sobre tais temas ou temas confinantes, pela homogeneidade cronológica e pelo facto de serem ainda poucas as obras aplicadas ao caso português que abordam tal cronologia em múltiplas vertentes e em diversos territórios, este volume de actas assume-se como incontornável, dentro da bibliografia sobre o Romantismo em Portugal.

Outubro de 2017

*Francisco Queiroz*

(coordenador da edição e fundador do Grupo Saudade Perpétua)





de si, no meio de extraordinário esplendor, um Anjo que em nome de Deus lhe assegurou que, com quanto estéril e avançada em idade, daria um breve à luz uma manina; seria esta a bendita entre as mulheres, A VIRGEM MÃE DO MESSIAS. Acreditou ANNA no celestial anúncio, e grata ao SENHOR, fez voto de consagrar-LHE o dom que deveria receber.



**S. Anna**  
modelo das mães.

Era um dia, que correspondia ao 8 de Dezembro, e ANNA levava no seu seio, immacoladamente concebida, a futura mãe do Verbo de Deus Encarnado. O venturoso parto teve lugar



# Os espaços de culto privados na transição do século XIX para o XX

António Francisco Arruda de Melo Cota Fevereiro<sup>1</sup>

## Resumo

O espaço religioso privado era projetado consoante o desejo do proprietário. Na grande maioria, foi integrado no interior da habitação. Também encontramos casos em edifício próprio, ligado ou não à habitação.

Na segunda metade do século XIX, este espaço continuou a ser incorporado na habitação mas, num contexto mais alargado e complexo. A habitação foi projetada para responder às novas necessidades da burguesia, interligando-se eficazmente os espaços interiores, de forma a separar as zonas de estar das de serviço. De uma maneira geral, a motivação para a sua construção deveu-se à concretização espiritual de um desejo. Num determinado projeto, foi para perpetuar um facto ocorrido na vida íntima do seu proprietário; noutro, o de oferecer a uma comunidade um espaço religioso.

Aqui foram reunidos cronologicamente projetos arquitetónicos de espaços religiosos privados, da autoria de arquitetos, de construtores civis e de artistas, que definiram uma época na história da arquitetura portuguesa. O estudo centrou-se nos exemplares edificados em Lisboa e arredores de 1884 a 1910, embora haja um projeto elaborado para Mirandela.

**Palavras-chave:** Capela, Oratório, Vitral, Arquitetura, Religiosidade, Lisboa, Estoril

<sup>1</sup> Arquiteto e investigador.

## Introdução

A palavra *capela*, consultada em vários dicionários, significa: lugar no vão da parede de igreja onde existe um altar; templo de pequena dimensão num povoado ou fora, onde em geral não existe senão um altar; pequena igreja privativa de palácio, casa nobre, convento e colégio.

Nas mesmas fontes, a palavra oratório significa: um compartimento que, numa casa, se transforma em capela e se consagra à oração; espécie de armário ou nicho onde se arma como que um altar com imagens de santos; uma capela doméstica (Machado, 1991) (Silva; Moreno; Cardoso Júnior; Machado, 1945) (Faria, 1850-1855).

## Contexto histórico

A construção de edifícios religiosos tem como origem a fé humana e algo que despoleta essa motivação, que pode ser um milagre, um voto, uma graça, perpetuar um acontecimento, ou então para uma população ter um espaço religioso para celebração e de referência espiritual.

A capela integrada na habitação era muitas vezes aberta ao exterior para celebrações comunitárias, tais como missas, batizados<sup>2</sup> ou casamentos. Também encontramos capelas isoladas, geralmente em pontos mais elevados, onde se podiam celebrar festas em honra do orago, pela população. Finalmente, também eram construídas capelas privadas em núcleos urbanos já consolidados.

Na cidade de Lisboa, a capela secular do Palácio Castelo Melhor era uma das mais representativas em termos de espaço, desenho arquitetónico e espacialidade. Na década de 80 do século XIX o palácio foi vendido ao Marquês da Foz, promotor das grandes obras de remodelação de todo o conjunto. A capela foi englobada e dissimulada no projeto arquitetónico, ao gosto

<sup>2</sup> No decurso das nossas investigações genealógicas temos vindo a encontrar batismos realizados em capelas privadas, embora em pequeno número, pois liturgicamente o batismo é realizado nas igrejas paroquiais.

*Beaux-Arts*, só perceptível exteriormente pelo campanário setecentista e vãos da fachada norte. No ano de 1891, o palácio foi fotografado após a grande campanha de obras (Portugal, 1891). A capela ainda existia, mas foi posteriormente desmantelada pelo proprietário<sup>3</sup>.

A capela também foi geralmente construída no interior da habitação, num determinado ponto e conforme o desejo do seu proprietário, como a capela no Palácio Sinel de Cordes, construída na segunda metade do século XVIII. Sobreviveu ao incêndio de 21 de Dezembro de 1909, que destruiu várias salas deste edifício, onde estava na altura a Legação de Itália (Carvalho, 1910: 18-24).



1 - Capela no Palácio Sinel de Cordes (Achilles e Benoliel, 1910: 22).

Nos espaços interiores, há o costume de se usarem os oratórios, conforme o tamanho e objetivo devocional. Podiam conter uma ou mais imagens, ou outros objetos ligados ao culto. O material mais utilizado foi a madeira: consoante a sua qualidade, foi trabalhada de acordo com o efeito pretendido. Estes materiais e apropriações têm evoluído até aos dias de hoje e o período aqui tratado não foi exceção.

Na Casa Francisco de Magalhães Dominguez<sup>4</sup>, em Lisboa - que parece ter sido construída no século XVIII, por causa das alusões a azulejaria setecentista, havia pelo menos dois oratórios. Um ao gosto *Luiz XV* sobre uma cómoda, com a imagem de Cristo crucificado, no quarto do seu proprietário, decorado com mobiliário da época do Rei D. João V. Havia também um oratório pequeno no quarto do filho António (então com 11 anos), decorado com peças ao gosto das duas épocas referidas (Santos Tavares, 1903a: 26-27). Aqui não encontramos o oratório associado a uma presença feminina. Na mesma cidade, mas na zona de

<sup>3</sup> As colunas interiores foram removidas e aplicadas na fachada principal do *Museu Militar* em Lisboa.

<sup>4</sup> Esta habitação foi demolida e era na atual rua Dr. Almeida Amaral, próxima ao Campo Mártires da Pátria.

São Bento, na Casa Alfredo Guimarães foram descritos em 1903 três oratórios. Esta habitação parece ter sido construída na segunda metade do século XVIII, devido às alusões a azulejaria de motivos decorativos e de pinturas do período pombalino e da Rainha D. Maria I. As salas foram decoradas segundo várias épocas passadas e, numa ante-sala, havia um sofá, uns contadores, um relógio e um oratório, entre outras peças, e todas decoradas à época de D. Maria I, o que levou Santos Tavares a perguntar se o “...estyllo aqui predominante é de D. Maria I?

– O predominante é – replica com a sua “habitual” vivacidade nervosa Alfredo Guimarães – ainda que, como vê, haja moveis de épocas anteriores; mas, apezar d’isso, a harmonia é completa.

– Não gosta do styllo D. João V? – perguntámos, por não havermos ainda surpreendido aquelles motivos ornamentaes.

– Vae vêr o meu quarto de cama – constesta-nos – abi, é essa decoraçãõ escolbida.

E Alfredo Guimarães, abrindo a porta que dá para a ante-sala onde nos achávamos, conclue:

– Eil-o.

É este um outro recanto precioso d’aquelle lar. Commodas, cama, arca, papelleiras, oratorio, é tudo da epoca; e, enquamto expressamos a nossa admiraçãõ. Alfredo Guimarães, entreabrindo a porta de uma janella, commentou:

– Um pouco mais efeminado... e seria o de Madre Paula.

Mas já o nosso olhar, indiscreto como o exigem estas jornadas pela casa albeia, desvenda sobre um movel alguns livros, e o nosso interlocutor de nos explicar n’uma provocada ironia:

– Esses é que não são da epoca...

Não o eram, effectivamente; mas n’aquelle contraste revelava-se ainda o espirito culto do nosso amigo.

E, mostrando-nos os livros:

– A ultima peça de Alfred Capus, e um romance de Balzac.

Estava satisfeita a nossa curiosidade.” (Santos Tavares, 1903b: 117-118)

O terceiro oratório estava num pequeno espaço, no quarto da filha de Alfredo Guimarães. Era ao gosto de D. Maria I e tinha um Cristo crucificado. A restante decoraçãõ era no mesmo gosto e com tapetes de Arraiolos (Santos Tavares, 1903b: 117-118).

Este gosto por épocas passadas caracteriza todo o século XIX mas, em Portugal parece ter havido uma predileção pela época do Rei D. João V e pela de sua neta, a Rainha D. Maria I<sup>a</sup>. O primeiro foi um dos períodos áureos da nossa história, do absolutismo monárquico e de riquezas que vinham do Brasil. O mobiliário foi realizado em madeiras exóticas, cuja maestria e qualidade do seu trabalho ainda hoje são admirados. Não nos surpreende porém, que por estas razões, esta época foi eleita no início do século XX para a decoração interior. O período da Rainha D. Maria I é o oposto. As pinturas, o mobiliário e toda a decoração é delicada, em tons pastel e feminina.

O oratório também era usado nas salas de estar privadas, como na de D. Maria Mascarenhas Barreto, 8<sup>a</sup> marquesa de Fronteira, no seu palácio em Benfca. Esta sala tem estuques setecentistas e a maioria do mobiliário que a compunha em 1911 era oitocentista. Tinha várias cadeiras, cadeirões, estantes com livros, mesa de centro, mesinhas com livros, chaise-longue e um oratório. Este tinha a imagem de Nossa Senhora, com jarras, e estava assente sobre um móvel (Rocha Martins, 1911: 532).



2 – Quarto de dormir de Alfredo Guimaraes (Santos Tavares, 1903b: 117).



3 – Sala de D. Maria Mascarenhas Barreto, 8<sup>a</sup> marquesa de Fronteira, em Benfca (Rocha Martins, 1911: 532).

5 Na publicação *Ilustração Portuguesa*, entre outras do final do século XIX e início do XX, observamos que, em muitas habitações, determinados espaços foram decorados com peças relativas aos dois períodos mencionados. Os espaços foram essencialmente quartos de cama, salas de estar e gabinetes.

Nas habitações modestas, geralmente e quando havia possibilidade, o oratório estava na sala ou no quarto de cama, em cima de uma cómoda ou outro tipo de móvel, ornado com jarrinhas para flores e outras decorações religiosas.

Esta presença espiritual na vida quotidiana entra em declínio no século XIX, o que suscitou a construção de espaços religiosos inspirados em épocas passadas, sobretudo no período românico e bizantino. A *Basilique du Sacré-Cœur* em Paris é exemplo paradigmático. Foi construída num promontório do bairro de Montmartre, em memória da guerra Franco-Prussiana de 1870 a 1871. Tem duas estátuas equestres, de São Luís Rei de França e de Santa Joana d'Arc, santos católicos franceses. Na mesma época é construída a Catedral do Sangue Derramado em São Petersburgo, em memória do atentado de 1881 contra o Czar Alexandre II da Rússia. Foi construída ao gosto seicentista russo, contrastando com a arquitetura setecentista de uma cidade virada para a Europa. Na cidade de Roma, algumas igrejas foram redecoradas, construídas de raiz ou restauradas de acordo com esta tendência estilística. Esta teve como fundamento a procura da pureza cristã, do misticismo e da fé, sem adornos excessivos. A fonte de inspiração foi a época dos templários, a vida exemplar e a obra dos santos (Agrawal, 1990: 236) (Curran, 2003). A mesma corrente estilística estendeu-se ao grafismo e ornamentação. Desta forma, a Igreja solidificava a sua presença, como guia espiritual, numa época conturbada, com crises sociais e políticas.



4 – *Basilique du Sacré-Cœur*  
(Fotografia do autor).

5 – Interior da Capela do Sanatório de Sant'Anna, com os candeeiros elétricos ao gosto Arte Nova já desaparecidos (Achilles e Vidal & Fonseca, 1908: 34).

Em Portugal, o gosto pela época do românico e bizantino começa a ser divulgado no final do século XIX. O exemplo paradigmático é a Capela do andar térreo do Palácio da Ajuda. O projeto é da autoria do arquiteto Miguel Ventura Terra, recentemente chegado de Paris, provavelmente encomendado pela Rainha D. Maria Pia por volta de 1896. O projeto teve como objetivo redecorar três espaços para serem transformados na entrada, na sacristia e na capela. A fonte de inspiração foi o período românico, com ínfimos detalhes ao gosto gótico, expresso no desenho construtivo, no mobiliário e nos vitrais, entre outras peças. Curioso notar-se, a partir desta altura, o gosto pelo românico ter sido a fonte de inspiração para a construção de edifícios religiosos, nomeadamente o projeto da Capela do Asilo da Ajuda (1901) e a Capela do Sanatório de Sant'Anna (1901 a 1908), ambas da autoria do



arquiteto Rosendo Garcia de Araújo Carvalheira. O complexo do sanatório foi construído na Parede e contou com a colaboração dos arquitetos Álvaro Augusto Machado, Manuel Joaquim Norte Júnior, António do Couto de Abreu e Adolfo António Marques da Silva (Costa Campos, 1908) (França, 1966: 335)<sup>6</sup>.

Ao gosto bizantino, o arquiteto italiano Nicola Bigaglia projetou, entre 1900 a 1908, a capela do Palácio Centeno em Lisboa. A abside foi decorada com pinturas policromas, tinha um altar e era iluminada por uma clarabóia.

Apesar de todos os esforços e nos “... *tempos que vão correndo, em que a descrença se pretende impôr sem que ao homem a quem se arranca a fé se ofereça outra cousa que não seja a rude evidencia das necessidades da vida, é-nos grato registar nas paginas d’esta Revista a edificação, em Lisboa, de mais um templo – a Capella do Coração Eucharistico de Jesus.*

*O novo templo cuja construcção, muito solida e elegante, levou cinco anos, deve-se aos esforços da Confraria de Nossa Senhora do Carmo e aos do reverendo padre Antonio Rodrigues Soares, thesoureiro da freguezia dos Anjos.”* (Castilho, 1910: 237)

No artigo, referem que a fachada principal era ao gosto gótico, assim como as ferragens. Efetivamente há essas referências mas, na generalidade, o edifício é ao gosto românico, patente no desenho dos vãos, da cimalha e noutros detalhes. O projeto é da autoria do arquiteto Alfredo de Ascensão Machado (Collares, 1905a: 267) e foi construída na Rua Capitão Renato Baptista entre dois edifícios, com a fachada principal recuada. As portas tinham candeeiros a gás, adaptados aos elementos arquitetónicos e realçando-os. O interior é de uma só nave, tem dois altares laterais, um altar-mor, uma sacristia e a torre sineira (construída sobre a sacristia, devido à exiguidade do lote). A disposição em planta, a espacialidade, o desenho dos altares e outros pormenores decorativos são ao gosto seiscentista. Esta persistência em modelos tradicionais foi complementada anacronicamente por elementos arquitetónicos, por pinturas, por lâmpadas e por sacrários ao gosto românico, gótico e bizantino.

<sup>6</sup> Para muitos críticos de arte portugueses, o neo-românico na arquitetura foi uma forma de valorizar a identidade nacional e como resposta ao Ultimatum britânico. Na documentação portuguesa de final do século XIX e início do XX essa intenção, até hoje, não foi expressa. O que temos lido são muitos textos sobre a questão da casa à portuguesa e de vários autores.



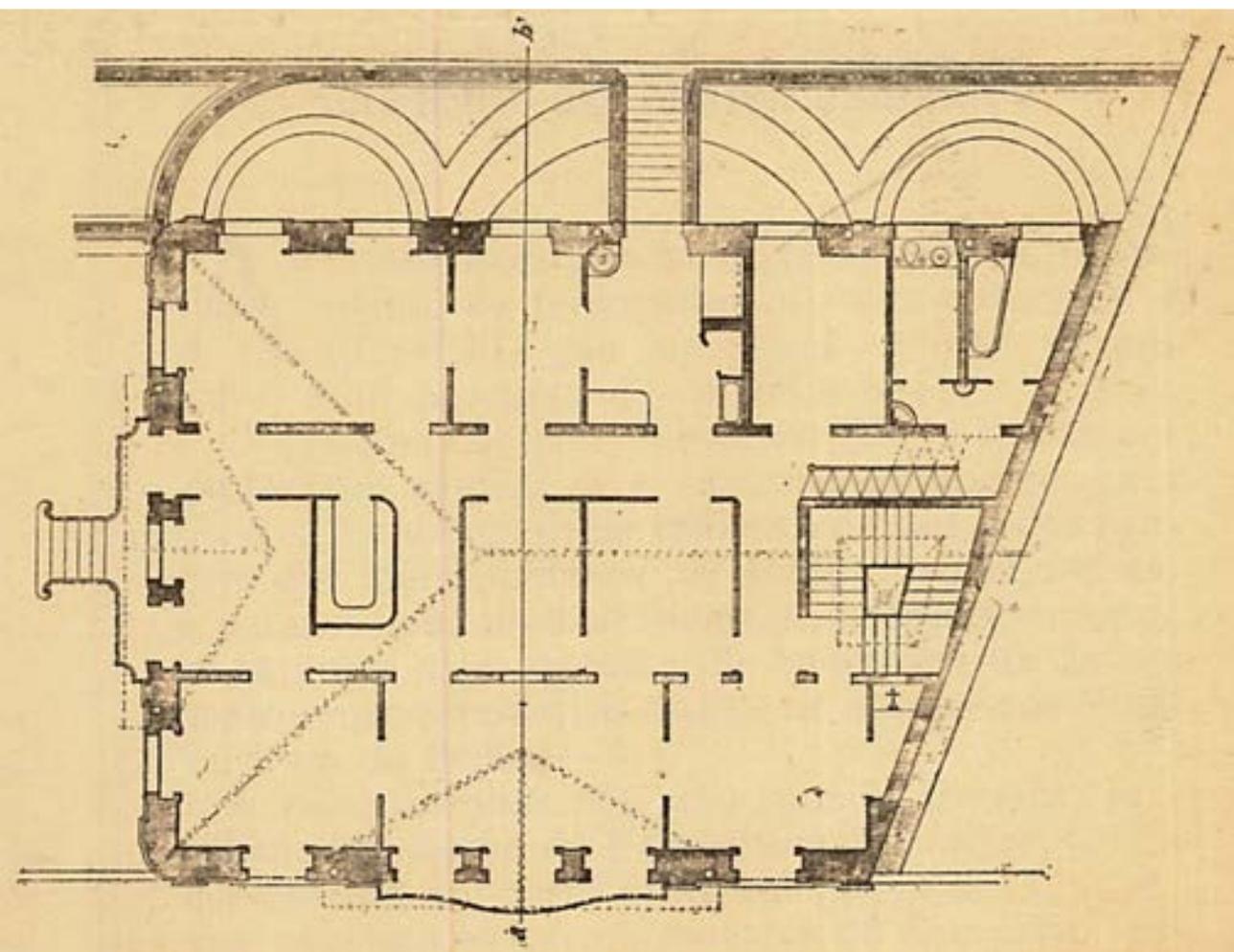
São todas estas experiências espaciais e estilísticas que os projetistas portugueses exploraram no último quartel do século XIX e início do XX. Os projetos escolhidos que abordamos em seguida foram ordenados cronologicamente, de forma a entendermos a sua evolução. Na descrição de cada projeto, usamos a palavra capela ou oratório, conforme vem nos desenhos técnicos e nas fontes escritas da época.

Os projetos aqui reunidos tiveram como base as publicações periódicas sobre arquitetura do início do século XX, entre outras. Posteriormente, a informação foi complementada com documentação camarária e onde se descobriram outros projetos. Estes foram elaborados para cidade de Lisboa e arredores, embora incluamos um projeto feito para Mirandela. Os projetos são na sua maioria da autoria de arquitetos, de construtores civis e de outros artistas, definindo uma época na história da arquitetura portuguesa. O exemplar mais tardio é de 1884 e os mais recentes são de 1910. Esta última data é significativa, visto ser a da revolução republicana e de se ter separado o Estado da Igreja.



6 – Fachada principal da Capela do Coração Eucarístico de Jesus (Castilho, 1910: 237).

7 – Pagela com o Menino Jesus ao gosto Arte Nova, flores estilizadas e a legenda *Le Sauveur du monde* (anterior a 1901). Pertenceu à bisavó do autor, a Senhora Dona Maria Isabel de Resende.



8 – Planta da habitação da Casa Luís António Xavier  
(Collares, 1902b: 17).

## Projetos

### 1884 – Casa Luís António Xavier, Rua da Costa do Castelo n.º 2, Lisboa

A habitação e oficinas de Luís António Xavier foram construídas num terreno em declive, havendo “..., porém, logo de principio a vencer uma grande dificuldade, especialmente em vista da economia exigida, que foi a necessidade da construção d’um grande muro de suporte, que, em vista da sua altura, deveria ser muito dispendioso.

*O architecto porém, obviou da maneira mais racional a essa grande dificuldade, e por fôrma tal, que com o menor volume de alvenarias que é possível para um caso d’estes, fez uma muralha de suporte, tendo a devida base, jorramento, sapatas, etc., mas disposta em cylindros reforçados com gigantes, tendo a respectiva secção envolvida na parede posterior da casa, obtendo um conjunto solido e de absoluta confiança, o que se prova pelo tempo decorrido depois da sua construcção, realisada ha bastante tempo.*

*Constitue, pois o projecto de que vimos tratando, além da boa distribuição interior, fachadas accommodadas a um restricto orçamento, como foi recommendado, a solução d’um problema que só um architecto, tão distincto e meticoloso como este nosso colaborador, pôde conseguir; tendo sempre em vista alliar a elegancia à solidez, não esquecendo a parte economica.”* (Collares, 1902b: 19).

O arquiteto foi António José Dias da Silva.

Na habitação, a planta não tem as designações dos espaços (AML, 1884, fl. 1). A sul e para poente, parece ser as salas, e os quartos de cama. A norte é a cozinha e a instalação sanitária. Da sala de jantar há um terraço e varanda exterior para o jardim. No quarto virado a sul, com porta para a escadaria principal e o corredor interno da habitação, há um pequeno nicho. Este tem uma cruz desenhada e o que parece ser um altar, resguardado no interior e muito intimista. Este espaço foi aproveitado do ângulo que a fachada cega faz com a parede interior.

O edifício encontra-se bem preservado.

## 1890 a 1907 – Casa Biester, Estrada da Pena n.º 16 a 18, Sintra

Na década de 90, do século XIX, Frederico Biester encomendou o projeto para uma moradia ao arquiteto José Luís Monteiro, enquadrada por um jardim e parque<sup>7</sup>.

O estilo arquitetónico imposto “... *pelo seu primitivo proprietário, e que é um romano-gothico inglez, a casa Biester está assente n’um rincão das faldas da serra de Cintra, de onde se disfructa um dos mais maravilhosos panoramos do mundo, no centro de uma exuberante vegetação, onde quadram bem os seus telhados pontagudos e as suas torres de agulha, propios dos paizes de nevoeiros frequentes, como succede naquelle local.*” (Collares, 1911a: 50)

A Casa Biester é visível “... *de qualquer lado de onde seja olhada, já pela situação que lhe deu Monteiro, já pela maneira por que o illustre jardineiro-paysagista Nogré traçou o parque, a casa Biester, com o seu ar gracioso de redução de castello antigo, dá, entretanto, bem a impressão de estabilidade e força que o ambiente e a sua importancia requeriam.*” (Figueiredo, 1908: 15)

O rés-do-chão da habitação é composto da seguinte maneira: entrada principal e um *Hall* central. Deste, parte-se para o gabinete (virado a sul, decorado ao gosto da época clássica, com um pequeno gabinete definido pelo volume vertical que está no ângulo das fachadas sul e nascente), para a antiga sala de bilhar (virado a nascente), para o salão, para a sala de jantar (estes dois últimos virados para norte e com vista sobre Sintra, decorados, e a sala de bilhar ao gosto *romano-gothico*), uma copa e a escadaria principal (viradas para poente, assim como a escadaria de serviço).

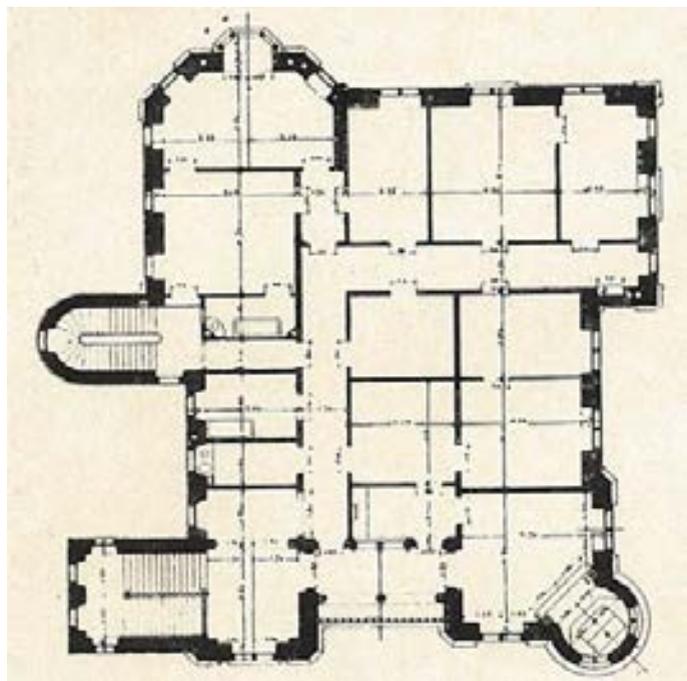
No primeiro andar são os quartos de cama, os de vestir, as instalações sanitárias, a capela, a sacristia e a “abside”. Estes últimos espaços parece que fazem parte dos restantes aposentos mas, com particularidades espaciais e decorativas muito peculiares. O acesso não é imediato, nem nos parece ter

<sup>7</sup> Os restantes intervenientes foram: Leandro de Sousa Braga (*boiseries* e mobiliário), Luigi Manini (pinturas decorativas), Baeta (pintura de arauto na entrada), Paul Baudry (frescos), Rafael Bordalo Pinheiro (azulejos), José da Quinta (guarnição metálica do fogão da sala de jantar), Domingos António de Sousa Meira (estiques), *Champ Vert* (vitrais), *Hubert de Paris* (vitrais), F. Nogret (jardim), mestre Costa (carpintaria) e seu sobrinho Carlos da Costa Soares (carpintaria).



9 - Fachada principal e lateral, com o volume no cunhal do gabinete e da capela (Fonseca, 1908: Intercalar VII).

sido essa a intenção. No patamar da escadaria principal, pode-se ir para a esquerda, para uma antecâmara e depois para o corredor dos aposentos, ou seguir em frente para a varanda coberta exterior. Nesta varanda, podemos entrar na sacristia ou na capela. A entrada para o seu interior foi deliberadamente separada dos aposentos. A capela foi decorada com pinturas, enquadrando-se no projeto arquitetónico, com um certo gosto Arte Nova. O teto é um céu azul estrelado, dando-nos a impressão de limite. A “abside” fica no ângulo da capela, formada pelo referido volume vertical. Tem um altar, vãos com vitrais coloridos e duplo pé-direito. Desta forma, sentimo-nos elevados a um patamar superior e etéreo, sugerindo subtilmente a presença divina, intensificada pela luz coada dos vitrais coloridos. A sacristia comunica internamente com os aposentos, sendo esta talvez a entrada particular dos proprietários para a capela.



10 – Interior da capela Biester; os dois quadros entre as colunas e os vãos já não fazem parte da decoração atual (Fonseca, 1908: 15).

11 – Planta do primeiro andar da Casa Biester (Fonseca, 1908: 16).

A capela da Casa Biester é uma das mais interessantes aqui analisadas. De grande valor arquitectónico, decorativo e espacial, onde tudo foi conjugado harmoniosamente como um todo.

O edifício, depois da morte de Frederico Biester, passou para a sua mulher, Amélia de Freitas Chamiço. Pouco tempo depois faleceu e foi sua tia, a Senhora Dona Claudina Ermelinda de Freitas Guimarães Chamiço, a herdeira de todos os bens (ver Costados Número 1).

O edifício é propriedade privada e foi recentemente restaurado.

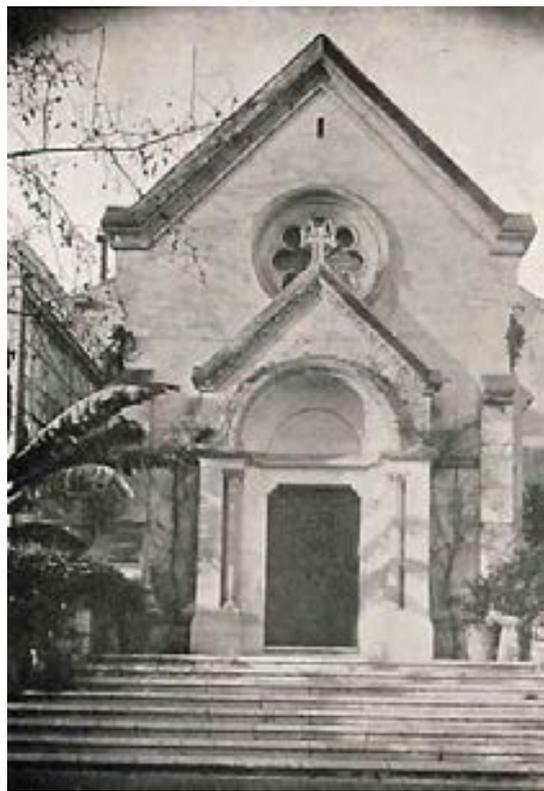
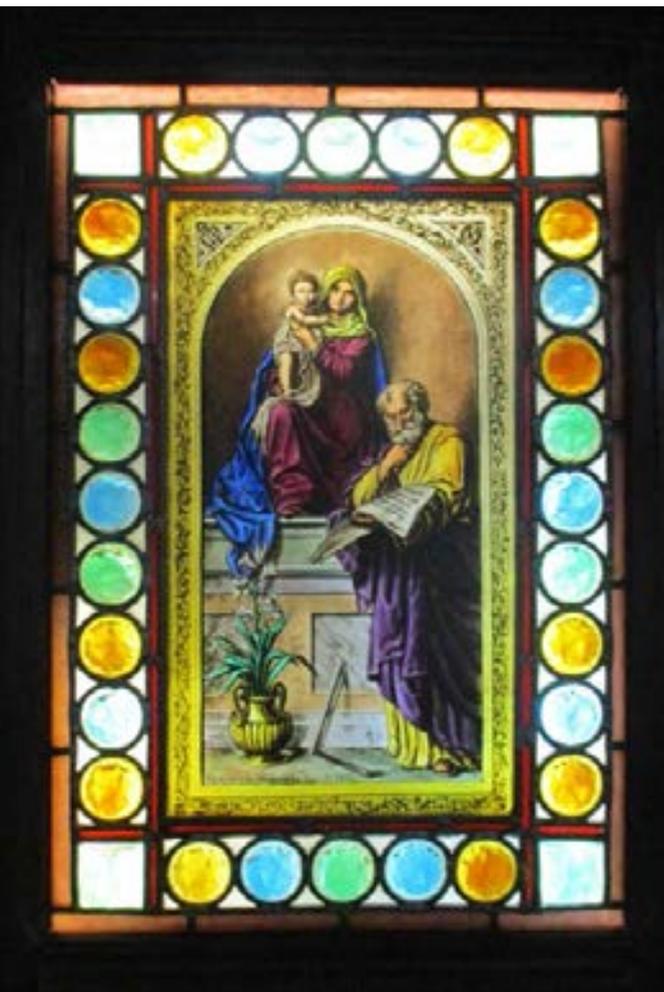
## **1893 – Casa Dr. António Maria de Lencastre, Praça Marquês de Pombal n.º 2, Lisboa**

Em 1893, o médico António Maria de Lencastre<sup>8</sup> encomendou o projeto para construção de uma moradia. O autor do projeto é desconhecido e o construtor foi Hermano de Carvalho (AML, 1893, fl. 1).

O núcleo central era o *Hall* com a escadaria principal, que tinha um vitral, uma clarabóia e duplo pé-direito. Este espaço era decorado com lambris em madeira, estuques com um pelicano e suas crias nas paredes, uma enorme lareira ao gosto renascença. De um lado, era a sala, do outro a sala de jantar. Do outro lado era a cozinha, a escadaria de serviço e a capela. Este espaço, na planta inicial, foi destinado aos aposentos de um criado, com escadaria exterior para o logradouro. Não sabemos se foi durante a construção esta mudança, ou posteriormente.

A capela tinha lambris e o teto forrados a madeira. Os vãos exteriores tinham janelas duplas. As interiores são em vitral, motivo padronizado com amarelo e círculos com vidro azul. Uma das janelas, entre outra e a porta exterior, tem dois vitrais. Estes são da autoria do vitralista suíço Adolph Kreuzer e datados de 1891. Num, é Nossa Senhora, no outro a Virgem com

8 Na documentação consultada, na Câmara Municipal de Lisboa e nos registos paroquiais, o próprio assina sempre Lencastre e não Lancastre, como tem aparecido escrito recentemente.



12 – Virgem com o Menino ao colo e São José, em vitral datado de 1891 e fabricado em Zurique (Fotografia do autor).

13 – Fachada principal da capela Dr. Manuel de Castro Guimarães (Achilles, 1909; Intercalar II).

o Menino ao colo e São José. O altar estava integrado com o ritmo sugerido pelo *design* dos lambris. O desenho arquitetónico deste espaço é inspirado na época medieval e da renascença.

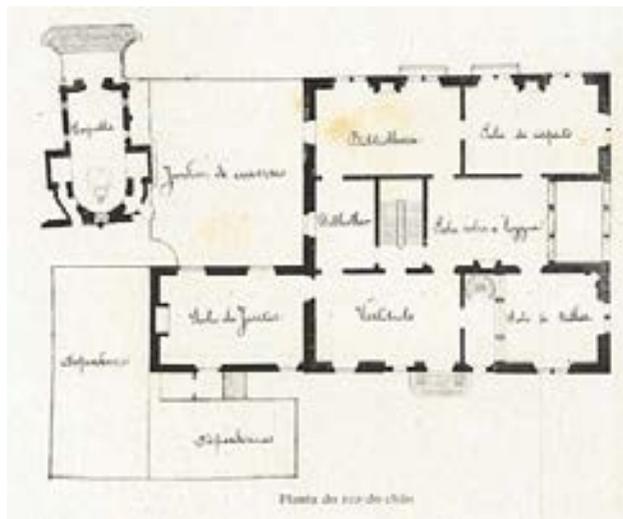
Anos depois, o edifício foi alugado pelo *Club Militar Naval*. A capela foi transformada em bar e integralmente retirada aquando da demolição do edifício no início da década de 90 do século passado, assim como outras peças de valor.

## 1897 – Palacete e Capela Dr. Manuel de Castro Guimarães, Travessa da Cruz do Torel n.º 1 a 3, Lisboa

A habitação do futuro Conde de Castro Guimarães foi construída<sup>9</sup>, em 1885, sobre as ruínas de um palácio que então pertencia ao Duque de Loulé, destruído por um incêndio. O autor do projeto foi o arquiteto José Luís Monteiro, que também riscou as cocheiras e cavalariças (AML, 1885a, fl. 1) (AML, 1885b, fl. 1). O desenho arquitetónico foi inspirado na cultura árabe e na italiana. Este novo edifício foi adossado a outro, que também era habitação, com uma ala a sul. Nesta, morreu, no dia 9 de Junho de 1897, a mãe do proprietário. Passados 6 meses, entrou na Câmara Municipal de Lisboa um pedido para a sua demolição e construção de uma capela, também segundo projeto do arquiteto José Luís Monteiro (AML, 1897, fl. 1). Por cima da porta, tinha inscrito em latim uma dedicatória à illustre senhora (Collares, 1902a: 35) (Collares, 1909: 4) (ver Costados Número 2). Devido a este facto, a capela adaptou-se ao terreno onde estava a antiga construção, com uma escadaria exterior, com ligações internas e sem uma orientação cardinal específica.

O novo edifício foi erigido ao gosto da época românica, expresso no volume, no desenho arquitetónico dos vãos e noutros detalhes. No interior, o teto era em madeira e estuque, com pinturas simulando um céu estrelado, em pedra e alvenaria. Nas paredes e vergas dos vãos interiores, havia pinturas decorativas, ao gosto medieval. De uma só nave, tinha duas capelas laterais no altar. Este era semicircular em planta e tinha três portas, que comunicavam internamente com o edifício primitivo. O altar foi desenhado pelo arquiteto e posteriormente foi colocado um órgão.

9 Os restantes intervenientes foram: Joaquim da Costa e Silva (construtor do palacete, das cocheiras e das cavalariças), Formilli (artista, autor do desenho arquitetónico da sala de respeito), arquiteto Cesare Ianz (desenho arquitetónico da sala sobre a *loggia*), Joaquim António Vieira (construtor e autor da decoração da antiga sala de jantar que passou depois a biblioteca); *Cardoso, Dargent & C.*<sup>a</sup> (autores do jardim de inverno), *Vieillard & Touzet* (construtores da capela), Baeta (decorações na capela) e órgão para a capela (colocado em 1908 e encomendado na cidade de Braga) (Collares, 1909: 4). Não sabemos se as intervenções nos referidos espaços são contemporâneos ou posteriores à época de construção da habitação, visto o edifício ter tido várias ampliações e modificações até 1909.



14 – Altar e órgão no interior da capela (Achilles, 1909: 3).

15 – Planta do rés-do-chão (Collares, 1909: 2).

Anos depois, em 1904, entrou um projeto para construção de um jardim de inverno, em dois pisos (AML, 1904, fl. 1). Foi construído entre a habitação principal e a capela. A sala de jantar passou a biblioteca e a nova sala de jantar<sup>10</sup> foi instalada no núcleo primitivo, próxima à capela.

10 O desenho arquitetónico foi da autoria do arquiteto francês Camus e executado pela *Casa Vieira & C.*<sup>4</sup> (Collares, 1909: 4).

## 1898 – Casa Condes de Taboeira, Rua da Arriaga n.º 9 a 9A, Lisboa

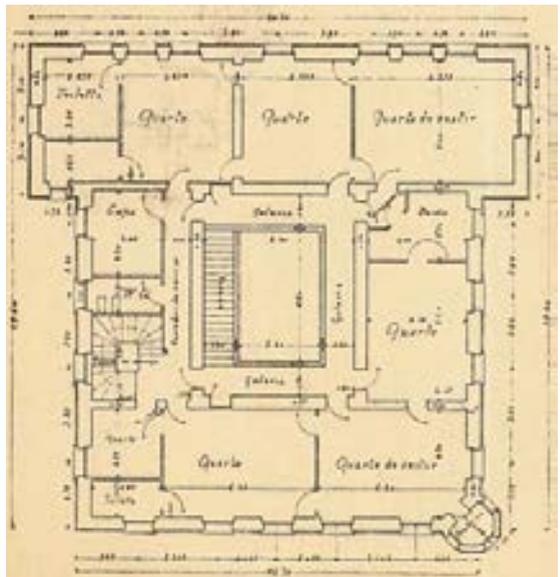
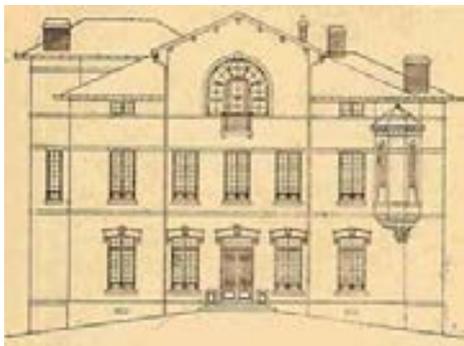
No ano de 1898 começou a ser construída uma moradia para o casal João Cardoso Valente, futuro 1.º conde da Taboeira<sup>11</sup>, e Maria Aurora Ângela de Muñoz y Puig. O arquiteto escolhido foi Miguel Ventura Terra e foi construída pela firma *Vieillard & Touzet* (AML, 1898b, fl. 1) (Collares, 1904b: 251).

A moradia foi construída no interior de um lote de gaveto, de forma a tirar o maior partido possível da vista a sul sobre o Rio Tejo.

Da entrada principal, a norte, entrava-se para um vestíbulo e, deste, para o *Hall*. Este espaço com duplo pé-direito, eximamente explorado na obra do arquiteto, é o eixo distribuidor e separador das diferentes zonas. Para norte, estavam virados o escritório e a sala de bilhar. Para poente, duas salas. Para sul, o salão e a sala de jantar, separados por uma antecâmara, englobados num volume e com varanda exterior. Para nascente, a escadaria de serviço, a copa e o *Monte-plats*.

16 – Fachada principal da Casa Condes de Taboeira (Collares, 1904b: 249).

17 – Planta do primeiro andar da Casa Condes de Taboeira (Collares, 1904b: 249).



<sup>11</sup> Agraciado com o título de conde pelo Rei D. Carlos, por decreto de 19 de Julho de 1901.

No piso superior, em planta, há nitidamente dois aposentos, um para norte e outro para sul. Estes eram compostos cada um por um quarto de vestir, um quarto, um *toilette* e uma antecâmara. Nos aposentos virados a Norte havia um oratório, aparentemente de uso privado. Este espaço, de forma rectangular com as extremidades em ângulo, foi construído no cunhal da fachada norte e poente. Sobressaía da fachada e exteriormente era ao gosto românico. Contrastava arquitetonicamente com as restantes fachadas, mas integrava-se harmoniosamente.

No último piso, estavam os quartos dos criados e outras dependências. Para norte era o *atelier*, com uma varanda exterior. A fachada exterior deste espaço era decorada com um friso de frescos ou em azulejo (Fevereiro, 2015: 26).

No decorrer do século XX foi bastante alterada e é hoje a Embaixada do Iraque.

## 1898 – *Presbyterian Church*, Rua da Arriaga n.º 11, Lisboa

Os mesmos construtores do anterior projeto foram autores do projeto para a *Presbyterian Church* (AML, 1898a: fl. 1) (Santos, 1996).

É um conjunto de dois edifícios, unidos mas separados por muros exteriores e, interiormente, por um pátio. O primeiro é a moradia para o pastor. O segundo é a igreja. Estes são unidos internamente por um escritório, separando assim o espaço de culto público da habitação.

O desenho arquitetónico da igreja tem referências do período gótico. O telhado é de duas águas. Na fachada principal e na de tardoz, o frontão é quebrado, sugerindo uma nave central e duas laterais. No interior, o teto é em madeira, com os vigamentos à vista, e em planta de uma só nave. A forma deste edifício foi posteriormente explorada em edifícios industriais pelos mesmos construtores, como na primitiva Central Tejo e na fábrica de massas A Napolitana, em 1909 (Fevereiro, 2011: 603-608).

O edifício é nos dias de hoje a *St. Andrews Church of Scotland*.

## **1900 – Palacete Cármen Graziela Castilla da Rocha ou Seixas, Praça Marquês de Pombal n.º 18, Lisboa**

De autor desconhecido, o projeto deste palacete<sup>12</sup> foi elaborado para Cármen Graziela Castilla da Rocha. Pouco tempo depois da sua construção, passou para Carlos Seixas.

O centro da habitação é definido pela escadaria, de forma circular, em torno da qual há corredores. Termina numa cúpula e clarabóia. Desta forma, temos a separação de diferentes zonas, suas ligações e hierarquias.

Logo de início, foi contemplado um espaço religioso. Este situa-se no primeiro andar, onde estão os quartos de cama e instalações sanitárias, na extremidade das fachadas laterais. A entrada principal está no eixo simétrico da referida escadaria. Tem uma antecâmara, que contrasta com o teto em forma de cúpula da capela. Nas plantas, é sugerido que tivesse forma circular e o parquet com uma cruz, envolta numa moldura. Nos cortes foram sugeridos vitrais para as janelas interiores, iluminadas pelas exteriores (AML, 1900: fl. 1). O desenho arquitectónico e decorativo remete-nos para uma capela aristocrata setecentista, mas integrada numa habitação burguesa do início do século XX.

Esta moradia figurou nas ilustrações do famoso artigo *Lisboa Monumental* da autoria de José Valentim Fialho de Almeida (Almeida, 1906: 398) (Fevereiro, 2011: 85-86).

O edifício é hoje a sede de Camões, Instituto da Cooperação e da Língua.

## **1901 – Casa Lambertini, Avenida da Liberdade n.º 166 a 168, Lisboa**

A Casa Lambertini foi projetada pelo arquiteto e construtor italiano Nicola Bigaglia. O seu proprietário foi Michele Angelo Lambertini, proprietário da famosa loja de instrumentos musicais com o seu apelido.

<sup>12</sup> O construtor foi António Pedro da Silva.



18 – Oratório da Casa Lambertini (Nullus, 1906: 510).

No processo de obra, existente em arquivo, notamos a falta de vários desenhos técnicos. Estes foram, felizmente, identificados e aguardamos que sejam repostos. Devido a esta omissão não podemos constatar se o oratório, fotografado e descrito em 1906, foi contemplado no projeto original.

No primeiro andar, eram a sala de visitas, a saleta, o toilette, os quartos de cama e o oratório decorado ao gosto “... *Luiz XVI onde Machado de Castro se vê representado n’um grupo – Santa Anna, S. Joaquim e a Virgem, afóra miniaturas de Conceição e Silva, um esplêndido crucifixo de marfim, etc.*” (Nullus, 1906: 504)

Na fotografia publicada, diz-se que é ao gosto *Luiz XV*. De forma a valorizar este oratório, foram colocadas imagens atribuídas ao conceituado escultor Joaquim Machado de Castro. No altar, estavam jarras com flores e decoração em relevo.

O edifício entrou numa profunda campanha de obras e ampliação na década de 30 do século passado.

## 1902 – Capela de Nossa Senhora da Piedade, Rua de Olivença n.º 2, Estoril

No ano de 1893, Bernardo Pinheiro Correia de Melo, secretário do rei D. Carlos e futuro 1.º Conde de Arnoso, mandou construir em Cascais uma casa de veraneio ao gosto minhoto. A moradia foi bastante elogiada e outros seguiram o exemplo (Fevereiro e Antunes, 2013: 51-60). Nos anos imediatos construíram-se outras residências do mesmo gosto, como a que foi erigida no Estoril, em 1896, para António Viana da Silva Carvalho, com vista sobre o mar. O autor do projeto foi o construtor civil lisboeta Joaquim António Vieira (AHMC, 1896, fl. 1). O desenho arquitetónico é sóbrio e as proporções eram equilibradas mas, nos últimos anos, a moradia foi



19 – Fachada principal da Capela de Nossa Senhora da Piedade (Fotografia do autor).

ampliada. Anos depois da sua construção é entregue um projeto para construção de uma capela. O autor parece ser Francisco Vilaça, segundo fontes no Arquivo Municipal de Cascais (AHMC, 1902, fl. 1)<sup>13</sup>.

A capela é um edifício independente, orientada de sul para norte, com a entrada principal voltada a este último ponto cardinal. O desenho arquitetónico é inspirado nas congéneres setecentistas, ao gosto barroco do tempo do Rei D. João V, em voga no final do século XIX. Na entrada principal há uma galilé e, no interior, o templo é de uma só nave. Tem uma torre sineira e a segunda torre não foi construída, conforme sugerido no projeto original. A abside tem características arquitetónicas do período românico e bizantino, que contrastam com o restante edifício.

A capela é propriedade particular e não está aberta ao público.

## 1902 – Palacete Mendonça, Rua Marquês de Fronteira n.º 18 a 28, Lisboa

No ano de 1902 foi projetado pelo arquiteto Miguel Ventura Terra um palacete para o capitalista Henrique José Monteiro de Mendonça (ver Costados Número 3). Ficou terminado em 1909 e foi galardoado com o Prémio Valmor<sup>14</sup>.

<sup>13</sup> O construtor civil responsável foi Francisco António de Magalhães.

<sup>14</sup> Os restantes intervenientes foram: João Pedro dos Santos (construtor n.º 68), José Pedro dos Santos (marcenaria), Jorge Pereira (esculturas), Manuel João da Costa (dourador), José António de Almeida (cantaria), Pedro Pardal Monteiro (cantaria), *Jacob Lopes da Silva* (serralharias), *Cruz & Franco* (estuques), *Jacquemet, Mesnet & Cie* (sistema de aquecimento) e Rafael Bordalo Pinheiro (decoreação em cerâmica na sala de almoço).

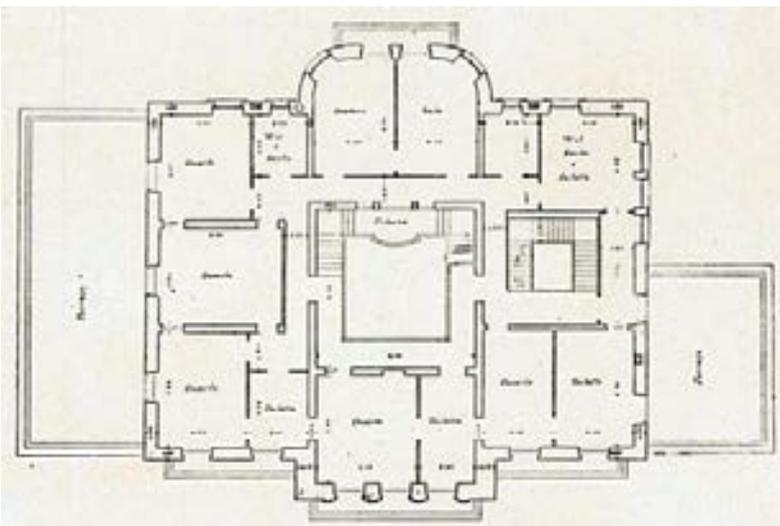
É uma obra de qualidade excecional, a nível arquitectónico, construtivo, decorativo e funcional. Todos os espaços de novo giram em torno do núcleo principal, denominado *Hall*, o qual tem a escadaria principal, perfeitamente proporcionada e iluminada. No andar nobre temos para sul o átrio principal, eixo distribuidor de duas zonas distintas. Para poente temos os salões para visitas (ao gosto *Louis XV*, *Louis XVI* e Império), dispostos interiormente em eixo e que comunicam para o jardim de inverno. Para nascente temos uma antecâmara que antecede o gabinete de trabalho, resguardando assim este último. Do *Hall*, comunicamos com a sala de jantar, virada a norte, e com a escadaria secundária e elevador. Depois do elevador há a sala de almoço, virada a nascente; a norte há uma instalação sanitária e a copa, que também comunica com a sala de jantar e a cozinha, na cave. Esta eficaz distribuição interna cria diferentes níveis de privacidade, de aparato, e reflete o modo de viver da alta burguesia, nomeadamente na sucessão em eixo visual dos salões, que poderiam servir para baile, para música ou outros entretenimentos. O salão Império poderia ser usado para servir o café depois do jantar, visto comunicar com a sala de jantar.

No piso superior são os quartos e as instalações sanitárias. A copa, a sala e o oratório estão virados a norte, estando estes dois últimos por cima da sala de jantar. A inclusão destes dois espaços remete-nos para uma certa privacidade e aconchego familiar, visto estarem virados para o parque envolvente. A presença espiritual é assim expressa pelo oratório, que tem o teto, os lambris, e um móvel, com espelho em madeira. Toda esta decoração ao gosto *Jugendstil* assemelha-se com a do gabinete de trabalho e com a da sala de almoço<sup>15</sup>.

O piso superior segue quase a mesma distribuição mas, a sul, há o *Atelier* com *loggia*. Este foi também decorado ao gosto *Jugendstil*, como os espaços atrás referidos. Esta decoração moderna estendeu-se ao mobiliário remanescente<sup>16</sup>. Nos cortes analisados, o desenho arquitectónico e decoração propostos por Ventura Terra diferem do existente, exceto o átrio e o *Hall* (Collares, 1911b: 35) (AML, 1902, fl. 1).

<sup>15</sup>Tem um candeeiro de suspensão, com pesos, para gás, ao gosto Arte Nova em cromo-níquel.

<sup>16</sup>As madeiras empregues nas salas de jantar, de almoço, e noutras salas, vieram diretamente da ilha de São Tomé. Foram trabalhadas nos diversos trabalhos que as decoram e o artista que as trabalhou foi José Pedro dos Santos. Noutra publicação, diz-se que o artista se chamava José Pedro de Sousa, e que o trabalho e



20 – Planta do primeiro andar do Palacete Mendonça (Collares, 1911b: 34).

Na visita realizada por nós, no dia 23 de Julho de 2016, verificamos a existência de grande parte da luminária original para parede e teto, sendo a maioria composta por candeeiros mistos para gás e eletricidade. A nível de azulejaria, notamos o seguinte: os painéis no jardim de inverno estão assinados “*M. Just., Caldas da Rainha, 1906*”; os painéis decorativos de uma das instalações sanitárias estão assinados “*Hel. Eisenbart, 1905*”.

O edifício encontra-se em bom estado de conservação.

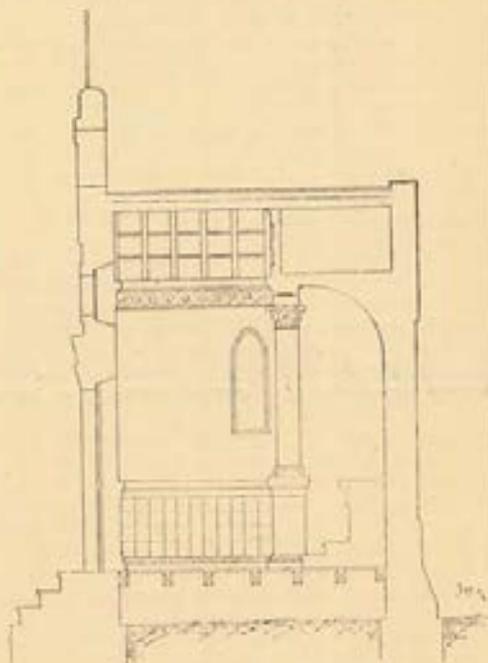
## 1904 – Capela Nossa Senhora do Monte, Mirandela

Na obra do arquiteto Alfredo Maria da Costa Campos (ver Costados Número 4) há um projeto para uma capela, encomendado por J. Pereira, para “... *ser executado n’uma propriedade do concelho de Mirandella.*”

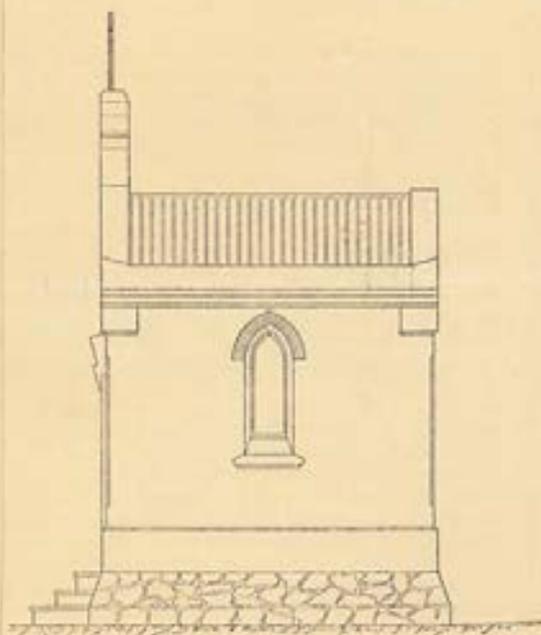
competência demonstrados eram pouco vulgares (Collares, 1911b: 35-36). Desde 2011 que temos vindo a recolher informação acerca do trabalho de artistas, fornecedores e manufaturas que intervieram em projetos de arquitetura no início do século XX. Ora, o nome deste artista só aparece associado a esta obra. Não sabemos se foi efetivamente o projetista deste extraordinário conjunto de mobiliário e decoração, marcadamente Jugendstil, ou o seu executante.

CAPELLA NA PROPRIEDADE DO EX.<sup>MO</sup> SR. J. PEREIRANO CONCELHO DE MIRANDELLA  
ARCHITECTO SR. COSTA CAMPOS

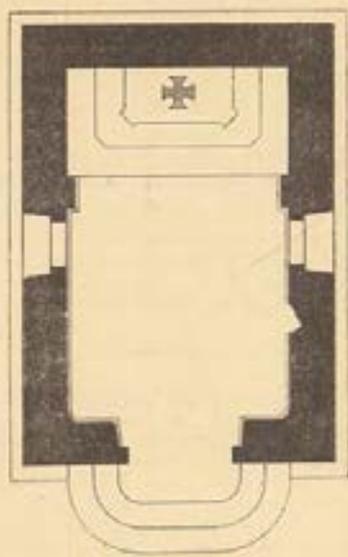
ALÇADO PRINCIPAL



CÔTE



ALÇADO LATERAL



PLANTA

*A pequenina, mas interessante capella, é edificada para commemoração de familia, no cume de um monte e sob a invocação de N. S. do Monte.*

*De uma grande simplicidade, como o exige o fim que se propõe, o seu orçamento, segundo os preços locais deve regular por 8000.\$000 réis.*

*A construção é de alvenaria, cantaria e tijolo, aproveitando da cobertura o madeiramento como elemento decorativo.*

*O resto da decoração interior é em estuques.”* (Collares, 1904a: 139)

Nos desenhos então publicados, constatamos que o projeto se baseou nos templos religiosos construídos naquela região nos séculos anteriores. Tanto a nível de planta, como de volumetria, como do campanário no topo da cumeeira e na fachada principal, entre outras características. O que o afasta dos seus congéneres é o desenho arquitectónico da porta principal, encimado ao que parece pelo brasão da família, da cimalha, do campanário, entre outros pormenores, ao gosto românico. Contrastando com este último, a janela lateral foi projetada ao gosto gótico.

O corte pelo interior informa-nos que o soalho seria de madeira, o teto no mesmo material e com as vigas à mostra. Este seria decorado e terminaria no altar, aparentemente projetado ao gosto românico.

A investigação encetada não nos permitiu concluir se esta capela foi construída.

21 – Projeto da Capela Nossa Senhora do Monte, conforme foi publicado em *A Construção Moderna* (Collares, 1904a: 137).

## **1905 – Casa General Augusto Sebastião de Castro Guedes Vieira, Avenida Fontes Pereira de Melo n.º 41, Lisboa**

Esta moradia começou a ser construída em 1905 para o General Augusto Sebastião de Castro Guedes Vieira (AML, 1905a, fl. 1), cunhado do famoso ator Augusto Rosa. O autor do projeto foi o seu primo Ernesto Higino Vieira Dias, condutor de obras públicas<sup>17</sup> (ver Costados Número 5).

O desenho arquitetónico era sóbrio, sendo o da verga dos vãos o mais elaborado.

Aqui, o oratório e a despensa são o núcleo central da habitação, em torno do qual havia um corredor, separando assim diferentes zonas. A nascente era a entrada e a sala de espera, espaço de transição para o interior do lar e para o quarto de hóspedes. Os restantes espaços a nascente eram o escritório, a sala e o *toilette*. A norte eram os quartos de cama. A poente, a instalação sanitária, a sala de jantar e a cozinha. A sul era o quarto da criada e o já referido quarto para hóspedes.

O oratório, na descrição, no corte e em planta, parece ter tido uma grande superfície envidraçada. Esta estava à mesma altura, e pouco mais abaixo, que as bandeiras das portas interiores. A porta estava virada para a zona dos quartos. O sótão não era aproveitado (Collares, 1907: 66).

O edifício foi ampliado, em 1937, pela proprietária Laura Pimentel. O autor do projecto foi então Artur Schiappa Monteiro de Carvalho, engenheiro civil.

Foi demolido em Maio de 2016.

## **1905 – Capela de Nossa Senhora da Conceição, Avenida Marginal n.º 6368B, São João do Estoril**

Na Avenida Marginal, em São João do Estoril, António José de Carvalho mandou construir uma capela, numa malha urbana já consolidada, com várias

<sup>17</sup> O construtor civil responsável foi António Pio dos Santos.

moradias e edifícios. Não sabemos qual o motivo para a sua edificação, se para uso privado ou comunitário. O autor do projeto parece ter sido o arquiteto Manuel Joaquim Norte Júnior<sup>18</sup> (AHMC, 1905, fl. 1)<sup>19</sup>.

O desenho arquitetónico é inspirado no período românico. Expresso na volumetria, na porta, no óculo e no campanário (construído no eixo de simetria e na cumeeira), entre outros detalhes. O interior é de uma só nave. O altar está separado por um arco de volta perfeita e tem duas portas laterais para a sacristia.

A capela encontra-se aberta ao culto em dias específicos semanais.



22 – Fachada principal da Capela de Nossa Senhora da Conceição (Fotografia do autor).

<sup>18</sup> Na investigação realizada desde 2011 constatamos o seguinte: a grande maioria dos projetos conhecidos de Norte Júnior entre 1903 a 1920 não estão assinados. No colóquio organizado em 2014 sobre a vida e obra do arquiteto, focámos essa constatação. O projeto da capela não está assinado mas, o tipo de letra, o desenho e outras particularidades parecem ser da autoria de Norte Júnior, daí a nossa atribuição.

<sup>19</sup> O portão em ferro foi feito por *J. M. Pires*.

## 1905 – Casa Francisco de Paula Osório Saraiva, Avenida da Republica n.º 32, Lisboa

Na então Avenida Ressano Garcia, foram adquiridos três lotes para construção. Estes faziam um “L”, com entrada secundária pela Avenida Hintze Ribeiro (hoje Miguel Bombarda). Nos lotes virados para a Ressano Garcia foi construída uma moradia, ladeada por dois portões. No jardim havia um tanque, uns canteiros e uma horta.

O proprietário foi o engenheiro civil e capitão de Infantaria Francisco de Paula Osório Saraiva (ver Costados Número 6). Não sabemos o autor do projeto e o construtor foi João Maria Sequeira.

Esta moradia também figurou nas ilustrações do famoso artigo *Lisboa Monumental*, atrás referido.

O desenho arquitetónico, disposição em planta e o núcleo central parecem ter sido inspirados no trabalho do arquiteto italiano Andrea Palladio.

Da entrada principal, entrava-se para um vestíbulo e uma escadaria. Ao cimo desta estava uma antecâmara. Para norte era a sala de entrada (com terraço exterior coberto) e depois a sala de visitas. Para sul era o escritório (com terraço exterior coberto, simétrico ao anterior) e a sala de bilhar. Para nascente era o átrio central, com triplo pé-direito e janelas exteriores no topo. Este era o núcleo central da habitação, separando por zonas distintas os espaços interiores. Para norte era um quarto, com terraço exterior, a escadaria de serviço, e um corredor virado a nascente. Neste, para norte, estava a despensa e a cozinha. Do outro lado era o oratório e a sala de jantar. A sala de jantar estava no eixo de simetria do átrio central, separada deste por uma antecâmara. Terminava numa floreira, semicircular em planta, e num terraço exterior com uma escadaria para o jardim. Do outro lado da sala de jantar, e simetricamente, havia uma sapateira, em vez do oratório, e um corredor. Para sul era a sala de costura e um quarto. Na mesma orientação cardinal havia outro quarto, com terraço exterior coberto, uma antecâmara para uma instalação sanitária e a referida sala de bilhar (AML, 1905c, fl. 1).

Nesta habitação, o oratório estava situado na zona de serviço, como uma presença espiritual para todos os que nela habitavam ou trabalhavam.

A moradia foi demolida em 1942.

O mesmo Francisco de Paula Osório Saraiva parece ter sido quem mandou construir duas moradias no Monte Estoril (AHMC, 1898a, fl. 1) (Fevereiro, 2011: 187). Na década de trinta do século passado foram alteradas para posto telégrafo. Hoje em dia estão devolutas.

## **1905 – Casa Senhora Dona Olympia de Macedo Branco, Avenida da República n.º 45 a 45A e Avenida Visconde de Valmor n.º 29, Lisboa**

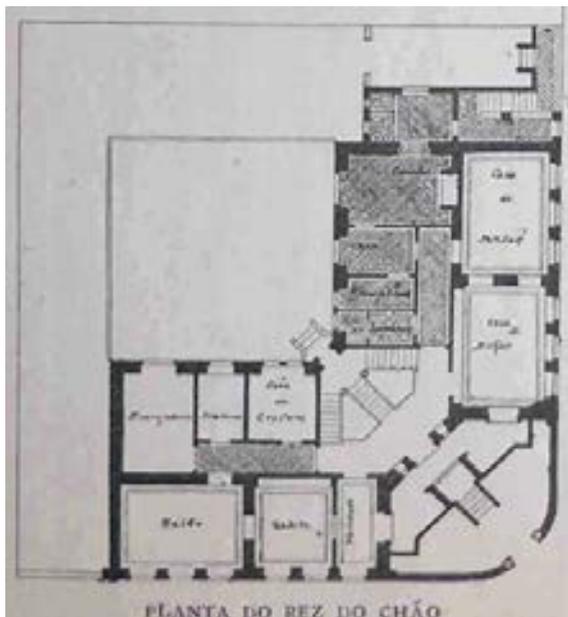
No lado oposto ao da Casa Francisco de Paula Osório Saraiva, começou a ser construída, no mesmo ano, uma moradia para a Senhora Dona Olympia de Macedo Branco (ver Costados Número 7). O autor do projeto foi o arquiteto Álvaro Augusto Machado (Collares, 1905b: 113-114) e foi construída por Vieillard & Touzet.

Este projeto teve, com base na “... *economia desejada pela proprietaria, todas as janellas (...) construídas em tijolo, revestido de cimento e fingindo a tinta de oleo.*” (AML, 1905b, fl. 2)

Álvaro Machado originalmente conjuga dois volumes, unidos por um corpo onde estava a escadaria e vestíbulo principal. Este estava no eixo do ângulo das duas avenidas. No exterior, tinha um terraço com escadaria e portão exterior, funcionando como uma antecâmara. Nos volumes referidos, as seis janelas do rés-do-chão acentuavam a perceção de horizontalidade. No primeiro andar, foi “subtraído” um bocado e havia uma porta-janela com varanda, cuja largura era superior aos vãos atrás referidos, acentuando uma certa verticalidade. Desta manipulação volumétrica, adveio o interior da habitação, dividido por zonas. No volume para a Avenida da República, no rés-do-chão, havia um vestíbulo (com entrada exterior para o referido terraço), uma saleta e um salão. Estes espaços estavam separados por um corredor interno e, do outro lado, estava o escritório, o oratório e a sala de costura. Aqui, o oratório separava o ambiente masculino do feminino, além de ser uma presença espiritual. No outro volume estava a sala de bilhar

(com entrada exterior para o terraço mencionado) e a sala de jantar. Havia outro corredor, a cozinha (com vestíbulo para a entrada de serviço e uma instalação sanitária para os criados), a copa, a despensa e a instalação sanitária. No piso superior eram os quartos de cama e uma instalação sanitária (AML, 1905b, fl. 1) (Fevereiro, 2011: 133-162).

Esta moradia foi demolida em 1966.



23 – Planta do rés-do-chão da Casa Senhora Dona Olympia de Macedo Branco (Collares, 1905b: 113).

## 1906 – Casa José Cândido Branco Rodrigues, Avenida da República n.º 36 e Avenida Visconde de Valmor n.º 27, Lisboa

No lote de gaveto oposto à da Casa Olympia de Macedo Branco foi construída uma moradia para José Cândido Branco Rodrigues, fundador do *Instituto dos Cegos «Branco Rodrigues»* (C. A., 1909: 187-189) (ver Costados Número 8). Começou a ser construída em 1906 (AML, 1906, fl.1) e ficou terminada em 1908, obtendo a Menção Honrosa do Prémio Valmor. O arquiteto foi Manuel Joaquim Norte Júnior<sup>20</sup>.

20 Os restantes intervenientes foram: António Francisco Guerreiro (construtor n.º 151), Manuel Pires

Esta moradia foi elogiada na imprensa da época, como exemplo inspirador para as futuras construções daquela zona de Lisboa (Collares, 1909: 90).

Foi construída dentro do lote, com muros em pedra e ferro. O edifício era formado pela conjugação original de três volumes. O primeiro volume era o vertical, que continha o vestíbulo (os vãos tinham vitrais), a caixa de escadas e, no terceiro piso, a sala de bilhar. Adossado a este, para norte, havia um segundo volume que tinha um *Gabinete da Senhora*, o qual tinha um oratório privado. Os vãos destes espaços tinham uma quadrícula. O terceiro volume estava situado a sul, cujas fachadas avançavam ou recuavam conforme o interior, privilegiando assim a intimidade doméstica. No rés-do-chão havia o escritório e a sala de jantar, virados para a avenida. A zona da cozinha e apoio estavam viradas para a fachada tardoz e lateral. Um corredor em forma de “T” separava cada zona. No primeiro andar era a sala, o quarto de hóspedes, o quarto de cama, o *toilette*, o guarda-roupa e a instalação sanitária.

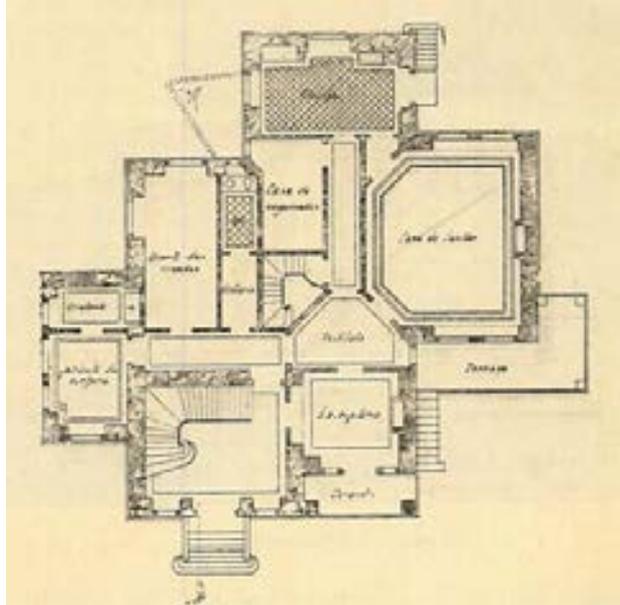
O volume vertical era o mais expressivo de todos, pelo seu desenho arquitetónico, pelos vãos com vitrais e pela varanda da sala de bilhar. O aspeto geral dava a impressão de movimento, o “... *que lhe dá um aspecto de um edificio medieval, com o seu torreão que em um dos angulos domina a massa geral da construção, a casa Branco Rodrigues agrada á vista sem nos fatigar com a minucia do seu detalhe primoroso.*

*O mais importante aspecto da casa é pelo lado da Avenida Ressano Garcia. Predominando na sua composição reminiscencias do estylo romanico, lembra pela imponente loggia que encima a entrada principal e pela varanda que lhe serve de coroamento uma das modernas villas italianas. O arco que sustenta o terraço ao sul do terreão mais ainda accentua este caracter especial.”* (Machado, 1908: 37-38)

Os cunhais tinham um aparelho rústico e o revestimento era em pedra irregular. Esta solução foi original, pois na maioria dos edifícios o revestimento em pedra irregular restringia-se ao rés-do-chão.

A moradia foi demolida em 1950.

(construtor n.º 25, pela *Companhia de Crédito Edificadora Portuguesa*), Vicente Joaquim Esteves (serralharia) e Cláudio Augusto de Azambuja Martins (vitrais).



24 – Casa José Cândido Branco Rodrigues, na fachada lateral o volume onde era o oratório e o Gabinete da Senhora. A fachada lateral da Casa Francisco de Paula Osório Saraiva é visível no lado direito (Fonseca e Achilles, 1908: Intercalar XX).

25 – Planta do rés-do-chão da Casa Branco Rodrigues (Collares, 1909: 89).

## 1906 – Capela Nossa Senhora da Conceição, Rua das Palmeiras n.º 2 a 4, Alto do Estoril

No Alto do Estoril foi construída uma capela para D. Henrique de Alarcão. O autor do projeto foi o construtor civil cascalense José Teixeira dos Santos.

A capela tem pormenores ao gosto românico mas, nos vãos laterais, as vergas são ao gosto gótico. No interior há uma só nave, com o altar num presbitério. Este foi desenhado ao gosto setecentista, com um óculo virado ao poente (AHMC, 1906, fl. 1).

Não sabemos qual a intenção na construção desta capela. Parece ser de uso privado e exclusivo dos proprietários. Foi construída no jardim de uma moradia erigida em 1898, segundo projeto do desenhador Paul Leonard Gaston Landeck (AHMC, 1898b, fl. 1).

Os dois edifícios encontram-se bem preservados.

## 1906 – Quinta dos Lagos, Largo Fernando Formigal de Moraes n.º 9, Sintra

Na Quinta dos Lagos foi construída uma moradia para Fernando Formigal de Moraes. A propriedade também é conhecida por Parque Amélia, em homenagem a Amélia Rosa de Jesus Formigal, mãe do anterior. O pai era Domingos José de Moraes, conhecido industrial.

A moradia foi construída a meio do parque, num terreno em declive, e projetada pelo arquiteto Francisco Carlos Parente da Silva (filho do arquiteto Domingos Parente da Silva)<sup>21</sup>. O portão principal fica no limite norte da propriedade, tendo sido projetado pelo arquiteto Norte Júnior. O caminho adapta-se ao terreno, serpenteando entre arvoredo, até chegar a um promontório onde está a moradia. Desta forma, tinha-se uma vista sobre a paisagem envolvente e para os principais monumentos, hoje tapada pela vegetação. A moradia é formada pela intersecção de volumes. Estes separam cada zona de acordo com a função, além de um determinado enquadramento paisagístico e de relação com o parque exterior, através de varandas, de terraços e de escadarias. A esse conjunto de volumes, foi adossado um vertical, que é a torre. Está recuada em relação às fachadas e, no rés-do-chão, é a entrada principal; nos restantes pisos, é a escadaria que conduz ao mirante. Desta forma, o interior da habitação fica resguardado. Este vestíbulo tem outra porta que conduz ao interior da capela. Esta foi adossada à torre, tem uma escadaria exterior de dois lanços e está virada para o promontório referido. No interior há uma nave e um presbitério com altar. As paredes interiores foram “... *ornadas a lambrís de azulejos recortados e pintados com assumptos sacros. Tem um bello altar em lioz, e, como em geral todas as peças da edificação é elegante e de bom gosto.*” (Collares, 1908: 30)

Os azulejos são da autoria do pintor José António Jorge Pinto. As cercaduras são ao gosto românico (Fevereiro, 2011: 569) e a restante decoração é ao gosto setecentista.

A capela foi dedicada a Santa Rosa e inaugurada, assim como a casa, no dia 15 de Agosto de 1909. A inauguração foi assinalada por “... *benemeritos actos de caridade, seguindo a tradição de familia em que a crença de nossos maiores e o espirito*

<sup>21</sup> Os restantes intervenientes foram: Zacarias Gomes Lima (construtor n.º 49), Manuel Joaquim Norte Júnior (arquitecto, projectista do portão principal em ferro forjado), Cláudio Augusto de Azambuja Martins (vitrais) e José António Jorge Pinto (azulejos).

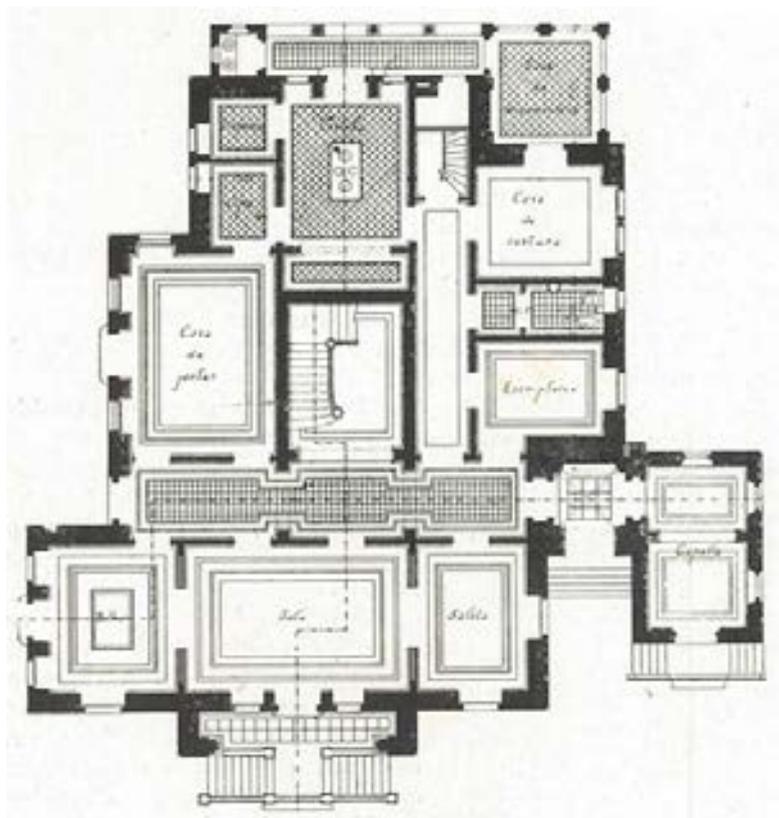
AS NOVAS CONSTRUCCOES DE CINTRA  
A CASA DO SR FERNANDO MORAES



*caridoso são proverbias. Assim, numa justa compreensão da amável lei cristã, o acto religioso da sacração da capela, pelo sr. arcebispo de Mitilene, foi seguido da distribuição de vestuario a 250 creanças pobres, quasi todas filhas de operarios que trabalharam nas obras da sua casa, em numero de uns cem, e que tambem receberam fatos novos. Quantas alegrias de almas e quantas benções do ceu não se espalharam sobre aquella inauguração! O relato de uma festa assim entra nos dominios da Chronica do Bem, já que, infelizmente, tanto ha a registar na Chronica do Mal.” (Silva, 1909: 195)*

Na inauguração, esteve toda a família Formigal de Moraes e seus convidados.

O desenho arquitetónico da moradia, da torre com mirante e da capela, é ao gosto românico, realçado por detalhes ao gosto da *casa à portuguesa*.



26 – Fotografias da festa de inauguração da Quinta dos Lagos (Novaes, 1909: 260). Coleção do autor.

27 – Planta do rés-do-chão da Quinta dos Lagos (Collares, 1908: 30).

## 1908 a 1910 – Casa Eloy Castanha ou Quinta da Fonte da Prata, Bairro da Quinta da Fonte da Prata, Moita

A Casa Eloy Castanha (ver Costados Número 9) ou Quinta da Fonte da Prata já estava construída em 1910. O autor do projeto foi o desenhador e construtor civil Guilherme Eduardo Gomes (ver Costados Número 10). O desenho arquitetónico foi inspirado no tipo de “... *casa solarenga, de que ainda se vêem restos nas nossas províncias, dando talvez a nota da verdadeira arquitectura nacional, assumpto que, embora muito discutido, não esta ainda bem esclarecido.*” (Collares, 1910: 130)

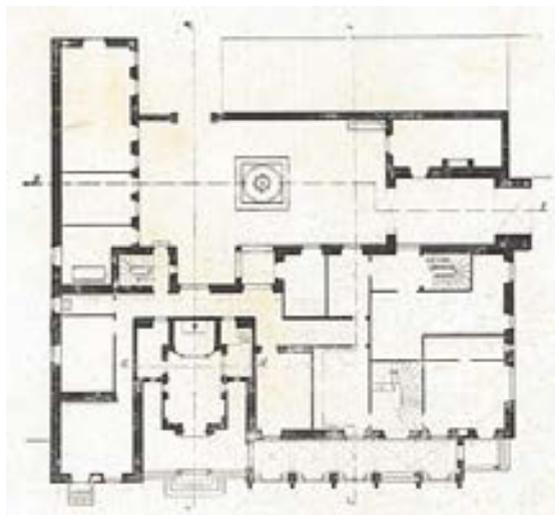
Guilherme Eduardo Gomes parece ter-se dedicado especialmente à observação da arquitetura portuguesa, percorrendo “... *o país em todas as direcções e em todos os pontos tem colhido elementos de estudo para o seu trabalho e dispersos por diferentes terras, existem já felizes adaptações devidas ao seu esforço, boa vontade e grande gosto artístico.*” (Collares, 1915: 106)

Efetivamente, na obra do projetista constatamos que, a partir de 1899, dedicou-se à questão da *casa à portuguesa*, como na obra que temos vindo a levantar. O projeto para Eloy Castanha tem semelhanças com “... *uma residencia do seculo XVIII edificado no seculo XX, mas que parece ter, realmente a antiguidade que a sua arquitectura indica.*” (Collares, 1915: 106)

A janela no ângulo da fachada foi copiada do Palácio de Sintra. Os painéis em azulejo exteriores foram pintados por Pereira Cão, pseudónimo do pintor José Maria Pereira Júnior. Os lambris em azulejo do terraço foram copiados, em aguarela, pelo projetista, dos existentes no Convento da Madre de Deus. Os lambris interiores da sala da música também foram copiados da mesma forma, mas são do Convento de Santa Marta. Estes azulejos copiados foram posteriormente pintados e cozidos na fábrica do *Rozeira*. Na sala de jantar, o lustre do teto foi desenhado por Guilherme Eduardo Gomes. O mobiliário era antigo, devidamente restaurado, e outro copiado fielmente dos modelos tradicionais portugueses (Collares, 1914: 17-20).

O edifício desenvolve-se em vários corpos, interligados entre si. A fachada principal encontra-se orientada para sudeste. Ao lado do torreão sul, foi construída a “... *capelinha, parte obrigada das antigas casas solarengas, cuja tradição se vae perdendo, mostra bem, exteriormente, a posição em que foi colocada na fachada,*

*tendo a sua porta antecedendo o adro, seguindo-se depois a fachada principal, a qual tem por sobre a porta o rosaceo, com vitrais de côres, que dá ao interior um claridade difusa e mística.” (Collares, 1914: 18)*



28 – Fachada principal do torreão e da capela (Guedes, 1914: 17).

29 – Planta do rés-do-chão da Casa Eloy Castanha (Collares, 1914: 18).

A capela foi construída entre o torreão e o corpo principal da habitação, sem aparente ligação com o seu interior. A fachada encontra-se recuada em relação aos referidos corpos, com um muro em alvenaria e degraus. Na fachada principal estava o sino, com um suporte em ferro. O desenho da porta é ao gosto manuelino. O interior é ao gosto seiscentista, nomeadamente nos lambris em azulejo e desenho arquitetónico. O presbitério tem um altar, ao gosto setecentista, e no projeto original foi proposta uma clarabóia, que não foi realizada. O mobiliário original era composto por genuflexórios e por cadeiras ditas rabo-de-bacalhau.

A forma como esta capela foi construída parece indicar que estava aberta para todos os habitantes ou trabalhadores desta quinta.

Infelizmente, o edifício está devoluto e muitos painéis em azulejo desapareceram.



30 – Interior da capela (Guedes, 1914: 18).

## 1910 – Vila Catatau, Estrada de Benfica n.º 198 a 200, Lisboa

A Vila Catatau foi construída no interior de um terreno, sobrelevado em relação à Estrada de Benfica. Para sobressair a nova moradia e relacioná-la com o referido arruamento, demoliu-se um edifício para se construir um muro, um portão e uma escadaria para a moradia. A proprietária era a Senhora Dona Elvira Augusta Correia de Freitas Rosa e o autor do projeto

foi o arquiteto Manuel Joaquim Norte Júnior (AML, 1910a, fl.1)<sup>22</sup>. A moradia desenvolvia-se de forma inovadora num corpo horizontal, adaptando-se ao angulo que a extremidade sul fazia com o referido arruamento. Na fachada principal havia o mirante, cujo corpo dava a impressão de verticalidade em contraste com o referido corpo.

A moradia tinha uma escadaria exterior para a entrada principal na fachada lateral, seguida do *Hall*, ponto de distribuição para as diferentes zonas ou espaços que eram: a sala virada a sul para a fachada principal, com terraço exterior coberto; o escritório para nascente; a escadaria principal também para nascente; um corredor longitudinal; uma sala de costura para poente e uma saleta, também virada a poente. No corredor havia portas para a sala de jantar, que tinha um terraço para poente e uma estufa para norte. Do outro lado do corredor era a sala de estudo, uma sala, a escadaria de serviço, a cozinha e a copa. No primeiro andar eram os quartos, os *toilettes*, as instalações sanitárias e uma capela. Este espaço situava-se por cima da saleta do rés-do-chão. As janelas viradas a sul tinham uma quadrícula, simulando vitral (a janela do rés-do-chão tinha um desenho arquitetónico diferente). A janela virada a poente tinha o mesmo desenho que as restantes nesse piso, mas a caixilharia era diferente, pois era para iluminar o altar no seu interior. Os vitrais eram da oficina de Cláudio Augusto de Azambuja Martins e os móveis e madeiramentos da *Marcenaria Moderna* (Collares, 1912b: 66). Nesta habitação, a capela estava acessível a todos os seus habitantes pelo *Hall* do primeiro andar, mas também tinha uma entrada pelo toilette de um dos aposentos. Na cave, havia uma despensa, a casa forte, a sala de bilhar e várias arrecadações. No sótão, havia o quarto para engomados, a instalação sanitária, o referido mirante e vários quartos.

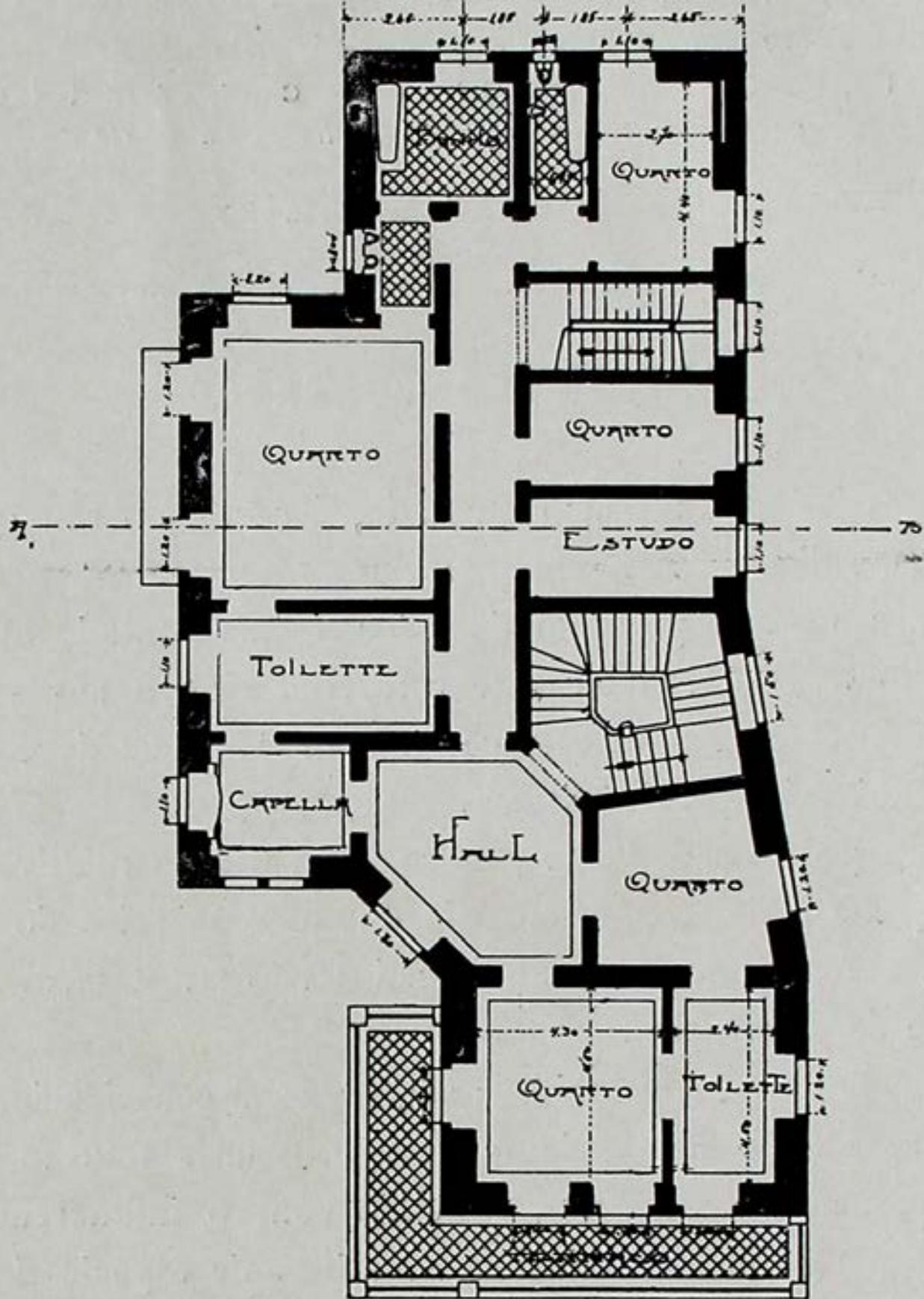
A Vila Catatau foi demolida em 1965.

22 Os restantes intervenientes foram: Manuel Pires (construtor n.º 25 pela *Companhia de Crédito Edificadora Portuguesa*), Vicente Joaquim Esteves (serralharia), Gabriel Constante (decorações), Manuel Viegas (decorações), Marcenaria Moderna (capela), *Julio Gomes Ferreira & C.ª Ld.ª* (instalações eléctricas) e Cláudio Augusto de Azambuja Martins (vitrais).



31 – Fachada lateral da Vila Catatau, a capela destaca-se pelo desenho dos vãos e a respetiva caixilharia (Collares, 1912b: 65).

32 – Planta do primeiro andar da Vila Catatau (Collares, 1912a: 2).



## 1910 – Vila Sousa, Alameda Linhas de Torres n.º 22 e Azinhaga de Entremuros, Lisboa

A moradia construída para José Carreira de Sousa foi galardoada com o Prémio Valmor de 1912. O autor do projeto foi o arquiteto Norte Júnior (Collares, 1912c: 90)<sup>23</sup>, onde explorou de novo a relação do edifício com a rua, como no anteriormente descrito. Neste caso, o jardim funcionava como um promontório sobre a alameda, com uma cascata e canteiros. A moradia estabelecia ligações com a envolvente através de escadarias e de terraços. Desenvolvia-se num corpo horizontal com o mirante na fachada principal, virado a poente, dando de novo a impressão de verticalidade.

A entrada principal era na fachada lateral e, no patamar, havia uma porta para o vestíbulo e uma independente para o escritório. O vestíbulo era de novo o ponto de distribuição para a sala, para a sala de bilhar (ambas a poente e para a fachada principal) e para o corredor longitudinal. Do lado esquerdo deste corredor, para norte, era o referido escritório, a saleta, a retrete e a sala de costura. Do lado direito era a sala de jantar, que também tinha uma porta para a sala de bilhar, com um terraço e escadaria exterior para sul. O corredor terminava num segundo vestíbulo, separando assim as zonas sociais da cozinha e dos quartos de cama. O corredor continuava e, para sul, era a cozinha, a copa, a despensa, a lavagem de pratos (estes comunicavam com a sala de jantar), a escadaria de serviço, e os três quartos de cama. Para norte era o quarto de cama principal, uma instalação sanitária e o *toilette*, que, no projeto inicial, tinha uma entrada privada para a capela. Desta forma, o carácter intimista do culto estava reservado aos proprietários. Porém, durante a construção, o volume da capela muda. Esta passou a estar no fim do corredor, acessível a todos os moradores. O desenho arquitetónico da capela era sóbrio, com influências do românico, e tinha um vão no altar (AML, 1910b, fl.1).

A *Vila Sousa* encontra-se devoluta.

23 Os restantes intervenientes foram: Zacarias Gomes Lima (construtor n.º 49), Castro (cantarias), Manuel Soares Trigo (estuques) e Benvindo António Ceia (pinturas decorativas interiores).

## Conclusão

O estilo arquitetónico mais recorrentemente utilizado neste período foi o românico. A volumetria, o despojamento e os elementos decorativos sóbrios foram explorados de maneira muito distinta por cada um dos projetistas. Em alguns projetos, o interior foi desenhado no mesmo gosto mas, noutros, recorreu-se a conceitos espaciais e decorações de séculos posteriores, com especial ênfase no século XVII e no XVIII. Efetivamente, ao gosto deste último século foram construídas algumas capelas.

Neste período, o interior doméstico era dividido por zonas, que se complementavam e com uma função específica. Nalgumas o espaço religioso foi incorporado nas áreas reservadas aos elementos femininos, como salas para costura ou nas extremidades dos aposentos privados. Noutros, estava no centro do lar, como uma presença perene e espiritual para todos. Contudo não há um fio comum a todos estes espaços religiosos, o que parece indicar um desejo muito específico por parte do proprietário ao encomendar o projeto. A maioria destas habitações com espaços religiosos foram demolidas, tendo sobrevivido poucos registos fotográficos do seu interior.

A motivação para a sua construção tem como princípio a fé. Por outro lado, há um desejo terreno, que é a ascensão de uma burguesia sequiosa de se fortalecer através dos valores aristocráticos, além de ser uma afirmação pessoal e de poder no campo social.

Todos estes edifícios simbolizam o apogeu do modo de viver e de se expressar da burguesia, que gradualmente desapareceu na alvorada do século XX.

33 – Ilustração na obra *Vida de Santa Ana*, editado em português pela Litografia Sauer e Barigazzi, Bologna, posterior a 1886. Pertenceu à trisavó do autor, a Senhora Dona Teresa Alexandrina Ermelinda Machado da Câmara.



## Anexo

No decurso da investigação efetuámos uma pesquisa genealógica de algumas das individualidades mencionadas.

Aqui apresentamos linhas de costado, datas e outras informações inéditas, como é o caso do referente ao arquiteto Alfredo Maria da Costa Campos.

As linhas de costado aqui desenvolvidas têm como objetivo compreender que tipo de família habitava nos edifícios analisados, de modo a melhor entendermos o projeto arquitetónico e a forma como foi definido o seu interior.

Nas linhas de costado, seguimos a seguinte ordenação: (\*) significa nascimento, (†) significa óbito e (c.) data aproximada do nascimento. O local inicia na sede de concelho, seguido da freguesia.

## Costados

### Número 1 – Família Biester e suas ligações<sup>24</sup>

#### 1.º

1. Ernesto Augusto Biester \* Alemanha, Lübeck, São Pedro. Casou com Mariana Inocência Verdier (2.º, n.º 3), filhos:
  2. Antónia \* Lisboa, Sacramento 03.09.1781
  2. Ernesto Augusto Biester \* Lisboa, Sacramento 02.03.1783. Casou Lisboa, Encarnação 27.01.1806 com Isabel Justina Loureiro (3.º, n.º 3)
  2. Mariana Ernesta Biester \* Lisboa, Sacramento 18.12.1785. Casou Lisboa, Sacramento 07.05.1814 com António Mazzioti \* Lisboa, Loreto (filho de Vicente Mazzioti<sup>25</sup> e de Gertrudes)
  2. Frederico Biester \* Lisboa, Sacramento c.1789 † Lisboa, Sacramento 11.09.1865 às 8:30H. Casou Lisboa, Sacramento 23.04.1827 com Maria da Luz de Ataíde \* Lisboa, Encarnação (4.º, n.º 5), filhos:

<sup>24</sup> Para mais informação sobre a família Biester, consultar a obra *Genealogias de São Tomé e Príncipe* (Forjaz,

3. Ernesto Biester \* Lisboa, Encarnação 17.08.1828
3. Maria da Assunção Biester \* Lisboa, Encarnação 15.08.1829. Casou Lisboa, Sacramento 05.04.1851 com José Pedro de Barros de Lima \* Porto, São Nicolau (filho de José Pedro de Barros Lima e de Ana Margarida da Graça Fernandes)
3. Amália Biester \* Lisboa, Encarnação 05.06.1830
3. Frederico \* Lisboa, Encarnação 06.07.1831
3. Frederico Biester \* Lisboa, Mártires 16.02.1833 † Lisboa, Mercês Rua do Século, Palácio Raton 29.04.1899 às 11:30H. Casou Lisboa, Sacramento 22.09.1870 com Amélia de Freitas Chamiço (5.º, n.º 4)
3. Rosa Mariana Biester \* Lisboa, Mártires 13.11.1834. Casou Lisboa, Sacramento 27.11.1858 com José da Silva Mendes Leal \* Lisboa, Socorro (filho de José da Silva Mendes Leal e de Maria Domingas da Ascensão Botelho Barbosa)
3. Adolfo \* Lisboa, Mártires 12.12.1836

## 2º

1. Jean Lecussan. Casou com Jeanne Dardignac, filho:
2. Miguel Lecuçan ou Lucussan ou Lecussan Verdier \* França, Saint-Bertrand-de-Comminges (?), Aurignac, freguesia de São Pedro. Casou Lisboa, Madalena 22.08.1743 (registado de novo a 28 de Agosto de 1760, por o original se ter perdido no incêndio posterior ao terramoto) com Antónia Teresa Vieira \* Porto de Mós, Santa Maria ou Nossa Senhora dos Murtinhos (filha de Domingos de Matos Cardoso e de Felícia Caetana Vieira), filhos:
3. Ana Isabel Lecuçan Verdier \* Lisboa, São Nicolau 23.02.1745
3. Mariana Inocência Lecuçan Verdier \* Lisboa, São Nicolau 15.12.1750. Casou com Ernesto Augusto Biester (1.º, n.º 1)
3. Timóteo Lewsan ou Lecuçan Verdier \* Lisboa, São Nicolau 03.10.1752. Casou Lisboa, Sacramento com Helena Frizoni \* Lisboa, São Paulo, filhos:

2012) e *Claudina de Freitas Guimarães Chamiço* (Gomes, 2010).

25 Comendador da Ordem de Cristo. Casou a primeira vez Lisboa, Sacramento com Francisca Adelaide de Metzener \* Lisboa, São Mamede † Lisboa, Encarnação, filha de Arnaldo Henrique Metzener e de Francisca.

4. Lucrecia \* Lisboa, Sacramento 27.12.1786
4. Ana Verdier \* Lisboa, Sacramento 01.07.1786. Casou Lisboa, Mártires 05.11.1804 com o primo Daniel Frizoni (filho de Fortunato Frizoni e de Lucrezia ...mache)
3. Helena \* Lisboa, Sacramento 13.04.1790
3. Mariana Verdier \* Tomar, São João Baptista. Casou Lisboa, Mártires 15.05.1811 com João Batista Billiot \* Rússia, São Petersburgo, São Luís (filho de Francisco Billiot e de Henriqueta Futone (?))
3. Antónia Verdier \* Tomar, São João Baptista. Casou Lisboa, Mártires 05.11.1816 com Gaspar Winteler \* Suíça, Les Moulins (filho de Friedrich Winteler e de Rosina Sendereuher)
3. Carlota João Verdier \* Tomar, São João Baptista. Casou Lisboa, Mártires 05.11.1820 com José Basílio Rademaker (7.º, n.º 4)

### 3.º

1. Domingos Jorge Ferreira. Casou com Isabel Antónia Joaquina de Melo, filhos:
2. Ana Isabel Joaquina Ferreira. Casou Lisboa, São Paulo Oratório das Casas de Domingos Jorge Ferreira (cavaleiro do Hábito de Cristo) 05.06.1781 com Domingos Gomes Loureiro \* Vila Nova de Famalicão, Sezures (filho de Manuel Gomes e de Rosa Maria Loureiro), filhos:
3. Isabel Justina Loureiro \* Lisboa, Mártires. Casou com Ernesto Augusto Biester (1.º, n.º 2)

### 4.º

1. António da Rosa. Casou com Ana..., filho:
2. Jerónimo da Rosa. Casou Sobral do Monte Agraço, Sapataria 29.06.1727 com Apolónia Maria Teresa \* Sobral do Monte Agraço, Sapataria<sup>26</sup>, filho:

26 Filha de Sebastião Coelho (alferes) e de Maria Ferreira, os quais foram também pais de João Coelho e de Francisca \* Sobral do Monte Agraço, Sapataria bp 06.09.1711

3. Sebastião Coelho de Ataíde \* Sobral do Monte Agraço, Santo Quintino 29.05.1733. Casou Lisboa, São Martinho Oratório da Cadeia do Limoeiro<sup>27</sup> 15.10.1755 com Mariana Quitéria \* Sobral do Monte Agraço, Santo Quintino 07.II.1733 (filha de João da Costa \* Sobral do Monte Agraço, Sobral do Monte Agraço e de Antónia Francisca \* Sobral do Monte Agraço, Santo Quintino), filho:
  
4. Joaquim Coelho de Ataíde \* Sobral do Monte Agraço, Santo Quintino 22.02.1760. Casou Lisboa Santos-o-Velho (registado na da Encarnação) Ermida Nossa Senhora dos Prazeres do Conde de Lumiares 31.II.1797 com Rosa Mariana Lider<sup>28</sup>, filhos:
  
5. Maria da Luz de Ataíde \* Lisboa, Encarnação. Casou com Frederico Biester (1.º, n.º 2)
5. Joaquim Coelho de Ataíde. Casou Lisboa, Encarnação 18.09.1833 com Maria da Conceição Josefa \* Lisboa, São Sebastião da Pedreira (filha de José T... ou Tuxo (?) e de Maria Madalena Tev...)

## 5.º

1. Braz de Oliveira Chamiço. Casou com Ana Luísa, filho:
  
2. Fortunato de Oliveira Chamiço \* Porto, São Nicolau. Casou com Cândida Margarida de Oliveira (filha de António José Soares da Costa e de Custódia Claudina Pacheco), filhos:
  
3. Eduardo Chamiço \* Porto, São Nicolau. Casou Porto, Cedofeita Igreja de São Martinho 11.07.1857 com Ema Paulina Archer \* Porto, Santo Ildefonso (filha de Tomás Archer e de Leonor José de Pinho e Sousa)
3. Francisco de Oliveira Chamiço \* Porto, São Nicolau 24.02.1819 † Lisboa, Mártires 21.03.1888. Casou Lisboa, Mártires 18.12.1848 com Claudina Ermelinda de Freitas Guimarães (6.º, n.º 3)

<sup>27</sup> O casamento também foi registo na freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Santo Quintino, Sobral de Monte Agraço.

<sup>28</sup> Filha do Capitão José André Lider \* Lisboa, Pena ou Santa Justa e de Tomásia Maria Fravega (?) \* Lisboa, Loreto (Igreja dos Italianos), os quais casaram Lisboa, São Sebastião da Pedreira 21.08.1774, ele

3. Fortunato de Oliveira Chamiço. Casou com Ana Margarida de Freitas Guimarães (6.º, n.º 3), filha:
4. Amélia de Freitas Chamiço \* Lisboa, Encarnação 28.07.1843 † Lisboa, Mercês Rua do Século, Palácio Ratton 14.12.1900 às 23H (não fez testamento). Casou com Frederico Biester (1.º, n.º 3)

## 6.º

1. José Bernardo de Freitas. Casou com Josefa Maria, filho:
2. Manuel José de Freitas Guimarães. Casou com Ana Augusta Cândida Cyco \* Porto, Miragaia (filha de Tomé Francisco Cyco e de Joana Margarida), filhos:
3. Claudina Ermelinda de Freitas Guimarães Chamiço \* Porto, Miragaia 12.12.1821. Casou com Francisco de Oliveira Chamiço (5.º, n.º 3)
3. Ana Margarida de Freitas Guimarães. Casou com Fortunato de Oliveira Chamiço (5.º, n.º 3)

## 7.º

1. Jan Rademaker. Casou com Lubrelia (?), filho:
2. Daniel Rademaker \* Amesterdão. Casou Lisboa, Santa Maria dos Olivais 30.05.1741 com Elena Duggan \* Irlanda, Cork (filha de Morgan Duggan e de Mary Barron), filho:
3. Daniel Rademaker \* Lisboa Santa Justa 07.1751 (o assento original queimou-se e criou-se outro a 3 de Janeiro de 1767). Casou Lisboa, São Sebastião da Pedreira 13.05.1781 com Mariana Antónia Josefa da Rocha Correia da Silva \* Lisboa, São Sebastião da Pedreira<sup>29</sup>, filhos:

filho de Inácio Ponce e de Luísa Maria Lider, ela filha de António Maria Fravega e de Luísa Maria Rosa. 29 Filha de José Caetano da Rocha e Silva e de Luísa Joaquina Josefa de Seixas e Andrade, casou depois de viúva em Lisboa, Mercês 08.08.1804 com o primo José António de Campos e Andrade \* Lisboa, Mercês, filho de José António Sérgio de Andrade e de Helena Rita de Seixas.

Do 1.º casamento:

4. José Basílio Rademaker \* Lisboa, Encarnação 23.05.1789. Casou com Carlota João Verdier (2.º, n.º 3)
4. Maria do Carmo Rademaker \* Lisboa, Encarnação 20.01.1791. Casou Lisboa, Ajuda 16.07.1810 com Diogo José de Magalhães Montes \* Lisboa, Ajuda (filho de Estêvão António de Montes e de Francisca Micaela dos Anjos)

## Número 2 – Família Conde de Castro Guimarães<sup>30</sup>

### 1.º

1. Vicente de Castro Guimarães \* Porto, Sé. Casou com Luísa Maria do Carmo da Silva e Abreu \* Lisboa, Socorro, filho:
2. Luís de Castro Guimarães \* Lisboa, Madalena 19.08.1805 † Lisboa, Santa Justa 08.03.1881 às 6H. Casou Lisboa, São José Capela de Nossa Senhora da Glória no Palácio dos Condes de Lumiares 27.11.1845 com D. Maria Nazarena do Santíssimo Sacramento da Conceição da Glória Inácia Miguel Antónia Ana Luísa Gonzaga Teresa Josefa Francisca de Assis Domingas Mónica Jerónima da Cunha e Menezes \* Lisboa, São José 31.07.1821 † Lisboa, Pena 09.06.1897 às 23H (filha de D. José Manuel da Cunha Faro Menezes Portugal Gama Carneiro e Sousa 4º Conde de Lumiares e de D. Luísa Henriqueta de Menezes Silveira e Castro), filhos:
3. José de Castro Guimarães \* Lisboa, Santa Justa 11.06.1847
3. Vicente de Castro Guimarães \* Lisboa, Santa Justa 06.12.1848. Casou Lisboa, São José Capela de Nossa Senhora da Glória no Palácio dos Condes de Lumiares 10.06.1877 com a prima D. Maria da Glória do Santíssimo Sacramento da Cunha Faro e Menezes (filha de D. José Manuel da Cunha Faro e Menezes Portugal da Silveira, 6º conde de Lumiares e de Ana Amélia de Jesus Maria Pinto de Sousa Coutinho)

<sup>30</sup> Para informação sobre esta família consultar *Anuário da Nobreza de Portugal* (Corrêa, 1985) e *A Descendência Portuguesa de El-Rei D. João II* (Canedo, 2006).

3. Manuel Inácio de Castro Guimarães \* Lisboa, Santa Justa 28.08.1858 1.º conde de Castro Guimarães. Casou Lisboa, Beato Igreja da Madre de Deus 01.05.1882 (registado na dos Mártires) com Maria Ana de Andrade \* Lisboa, Mártires (filha de António José de Andrade e de Emília Gomes da Silva Reis)

### Número 3 – Família Mendonça

#### I.º

1. Henrique José Monteiro de Mendonça \* Lisboa, Santa Isabel. Teve de Gabriela Florentina de Jesus \* Galiza, Vigo, o seguinte filho:
  2. Henrique José Monteiro de Mendonça \* Lisboa, Encarnação 18.01.1826. Casou Lisboa, Encarnação 06.11.1849 com Henriqueta Sofia Azimont (2.º, n.º 3), filhos:
    3. Ernestina Sofia Monteiro de Mendonça \* Lisboa, Encarnação 18.06.1851. Casou Lisboa, Encarnação 04.01.1879 \* com Alexandre José Calleya Alves \* Lisboa, Mártires (filho de Alexandre José Alves e de Isabel Maria Aldosser Caleia), filho:
      4. Henrique de Mendonça Alves \* Lisboa, São Sebastião da Pedreira 04.12.1879 as 21H † Lisboa 18.01.1951
  3. Alfredo \* Lisboa, Encarnação 26.06.1852
  3. Georgina Luísa Monteiro de Mendonça \* Lisboa, Encarnação 23.04.1856
  3. Pedro \* Lisboa, Encarnação 23.04.1858
  3. Henrique José Monteiro de Mendonça \* Lisboa, Encarnação 04.02.1864 às 15H † Lisboa, São Sebastião da Pedreira 01.11.1942. Casou Lisboa, São Sebastião da Pedreira 28.6.1890 com Carolina dos Santos Pinto \* Ilha de São Tomé e Príncipe, Nossa Senhora da Conceição c.1874 (filha natural de Alfredo dos Santos Pinto e de Antónia Afonsa da Costa Quaresma), filhos:

4. João Pinto Monteiro de Mendonça \* Lisboa, Coração de Jesus 03.07.1892 às 5:30H (padrinho Nicolau dos Santos Pinto, estudante em Lisboa) † Lisboa, Benfica 08.08.1988. Casou Lisboa, São Sebastião da Pedreira 22.II.1965 com Olga Dorotheia Münster \* Alemanha, Bremerhaven c.1898 † 18.10.1985 (filha de Fritz Hugo Carl Arthur Münster e de Maria Viriginie)
4. Maria Luísa Monteiro de Mendonça \* Lisboa, Coração de Jesus 31.10.1893 às 5H † Lisboa 08.03.1948
4. António Pinto Monteiro de Mendonça \* Lisboa, Coração de Jesus 23.02.1896 às 6:15H
4. Alfredo Pinto Monteiro de Mendonça \* Lisboa, Coração de Jesus 20.01.1898 às 6:30H

## 2.º

1. Jean Baptiste d`Azimont. Casou com Marie Pader, filho:
2. Antoine d`Azimont \* Toulouse, Saint-Estève. Casou Lisboa, Mártires 22.06.1820 com Caetana Leonor Domingas da Cruz \* Lisboa, Santa Catarina (filha de Valentim Matias e de Maria Rita), filhos:
3. Henriqueta Sofia Azimont \* Lisboa, bp Igreja São Luís dos Franceses. Casou com Henrique José Monteiro de Mendonça (1.º, n.º 2)
3. Constâncio \* Lisboa, Encarnação 21.II.1839

## Número 4 – Família Campos e suas ligações

### 1.º

1. Henrique Francisco da Cruz \* Lisboa, Conceição Nova. Casou com Josefa Caetana \* Vila Franca de Xira, Vialonga, filho:
2. Joaquim Flávio da Cruz Soares ou de Sousa \* Lisboa, Conceição Nova bp 22.08.1723. Casou Lisboa, Anjos 01.02.1749 com Maria Joaquina do Céu de Miranda \* Lisboa, Socorro (filha de Tomás José e de Leonor Josefa da Silva), filhos:

3. Ana \* Lisboa, Anjos 05.12.1757
3. António Rafael Dâmaso de Sousa \* Lisboa, Anjos 11.12.1762. Casou Lisboa, Anjos 13.01.1790 com Maria Clementina Gonzaga de Campos \* Almada, Caparica 24.09.1764<sup>31</sup>, filhos:
4. Ana \* Almada, Caparica 06.04.1791
4. Maria Joana de Campos e Sousa \* Almada, Caparica 23.11.1792. Casou Lisboa, Pena 06.05.1822 com José da Nóbrega Botelho \* Lisboa, Santa Isabel (filho de José da Nóbrega Botelho e de Joana Justina Galveia)
4. Francisca Xavier de Campos e Sousa \* Almada, Caparica 03.12.1794. Casou Lisboa, Anjos 26.01.1813 com Gregório Manuel Rodrigues (viúvo de Joaquina da Conceição † São Silvestre d`... do Patriarcado de Lisboa, filho de J... ou Inocêncio (?) Rodrigues e de Maria Josefa da Gama)
4. Paulo Maria de Campos e Sousa \* Almada, Caparica 08.09.1796 (moço da Câmara de Sua Majestade em 1822). Casou Lisboa, Socorro 16.08.1815 com Joana Tomásia da Cantuária Sinel de Cordes (2.º, n.º 5), filhos:
5. Maria da Assunção de Campos e Sousa \* Lisboa, Socorro c.1827. Casou Lisboa, São Vicente de Fora 11.05.1861 com João Baptista Moreira \* Lisboa, Anjos c.1819 (viúvo de Madalena da Purificação † Lisboa, Santa Engrácia, filho de pais incógnitos), filhos:
6. João Baptista Moreira
5. António Maria de Campos \* Lisboa, Anjos 28.09.1823 (major do Exército). Casou duas vezes: 1º Angra do Heroísmo, Sé 01.11.1849 com Rosália Augusta \* Chaves, Vilarinho das Paranheiras (?) † Leiria, Assunção (filha de José Joaquim Pereira de Madureira e de Maria Rosa); 2º Lisboa, Anjos 05.10.1889 com Rosa da Costa de Sousa \* Porto, Sé c.1844 (filha de Pedro António da Costa e de Maria da Costa de Sousa), filhos:
- 31 Filha de Álvaro José Nunes de Sousa \* Cascais, Cascais (alferes) e de Ana Maria Eufémia \* Almada, Caparica, os quais casaram em Almada, Caparica 25.12.1761, neta paterna de Salvador Nunes e de Rosa Maria de Campos, os quais casaram Lisboa, Mártires, neta materna de Salvador Nunes de Abreu \* Mazagão (?) e de Teresa Maria de Sousa \* Almada, Caparica, os quais casaram Almada Caparica 17.05.1732, ele filho de João Gonçalves de Castillo (?) e de Francisca Pereira de Brito, ela filha de capitão Manuel Ribeiro dos Santos e de Catarina Maria de Sousa.

Do 2º casamento:

6. Alfredo Maria da Costa Campos \* Porto, Miragaia 28.03.1867 às 22H † Lisboa, Anjos Calçada do Desterro n.º 10 14.03.1911 às 8H (arquitecto). Casou Lisboa, São Jorge de Arroios 03.09.1892 com a prima Hermínia Adriana Magalhães (2.º, n.º 7), filhos:
7. António \* Lisboa, Anjos 07.08.1896 às 8H
7. Nadège Campos \* Lisboa, Anjos 26.05.1904 à 1H † Lisboa, Santo Condestável 22.04.1993
4. Joaquina Emília de Campos e Sousa \* Almada, Caparica 17.09.1800. Casou Lisboa, Charneca 30.05.1825 com Bernardino Tinoco de Sande e Vasconcelos \* Lisboa, Anjos (filho de Francisco Tinoco de Sande e Vasconcelos (Sargento-Mor) e de sua 1ª mulher Maria Sátira (?) ou Sabina (?) da Rosa)
4. Joaquim \* Almada, Caparica 03.08.1802

## 2º

1. Pedro Machado. Casou com Catarina Vaz, filhos:
2. Francisco Machado \* Santa Maria de Grelhas (?). Casou Lisboa, São Nicolau 03.04.1719 (registado de novo a 30.01.1760) com Ana Josefa de Pasi \* Sobral do Monte Agraço, Sobral do Monte Agraço (filha do Doutor Diogo de Pasi e de Maria de Oliveira), filhos:
3. Paulino Machado de Pasi \* Lisboa, São Nicolau. Casou Lisboa, São Nicolau 26.04.1746 (registado de novo a 08.02.1757) com Ana Joaquina Rosa de Andrade \* Lisboa, São Paulo (filha de José da Costa de Andrade e de Joana Margarida de Mendonça), filho:
4. Luís José Sinel de Cordes \* Lisboa, São José 23.06.1759. Casou Lisboa, Pena 06.09.1784 com Maria do Carmo Camila de Melo e Morais \* Lisboa, São José (filha de capitão João António de Morais e de Mariana Teresa da Conceição), filhos:

5. Joana Tomásia da Cantuária Sinel de Cordes \* Lisboa, São Vicente de Fora. Casou Lisboa, Socorro 16.08.1815 com Paulo Maria de Campos (1.º, n.º 4)
5. Maria José Bento Sinel de Cordes \* Lisboa, Alcântara. Casou Lisboa, Pena 23.06.1808 com Joaquim José de Sousa \* Lisboa, Socorro (filho de Bento Lau (?) de Sousa e de Ana Rita), filha:
6. Maria Hemitéria Guilhermina de Sousa \* Lisboa, Pena. Casou com Adelinho de Freitas Magalhães \* Soure (filho de José António da Cunha Magalhães e de Belmira Lusitana de Freitas), filha:
7. Hermínia Adriana Magalhães \* Soure, Soure 11.05.1859 † Lisboa, Santa Isabel 04.02.1950. Casou com o primo Alfredo Maria da Costa Campos (1.º, n.º 6)
5. Rita Eusébia Sinel de Cordes \* Lisboa, São Vicente de Fora. Casou Lisboa, Pena 06.12.1822 com João Maria (filho de João Luís Casimiro de Matos e de Mariana Balbina)
5. Joaquim Umbelino Sinel de Cordes \* Lisboa, Anjos. Casou Lisboa, Socorro 03.02.1826 com Maria Cecília da Conceição \* Lisboa, Coração de Jesus (filha de Francisco José de Paula Gomes da Silva e de Joana Tomásia)
5. Maria Augusta Rita da Conceição Sinel de Cordes \* Lisboa, Anjos. Casou Lisboa, Socorro 04.12.1815 com Francisco Dionísio de Seixas Sotomaior \* Faro, Sé (filho de José Alberto de Seixas Sotomaior e de Teresa Maria Joaquina de Sequeira Nogueira Mimoso)

## Número 5 – Família Dias e Castro Guedes

### I.º

1. José Rodrigues Pando (?). Casou com Maria Eugénia, filho:
2. Manuel Joaquim Dias \* Setúbal, São Julião. Casou Lisboa, Sé 06.11.1814 com Mariana Luísa das Neves (2.º, n.º 4), filhos:

3. Francisco Eduardo Dias \* Lisboa, Sé (retroseiro). Casou Lisboa, Sé 06.07.1856 com Maria da Conceição Vieira (3.º, n.º 3), filhos:
4. Ernesto Hígino Vieira Dias \* Lisboa, São Nicolau 11.01.1864 † Lisboa, Camões 12.11.1939 (condutor de obras públicas). Casou Lisboa, Santa Justa 21.06.1890 às 12H com Hermínia Adelaide Pombeiro \* Lisboa, Madalena c.1872 (filha de Joaquim Augusto Pombeiro e de Gertrudes Maria de Jesus Ferreira)

## 2.º

1. Pedro Gomes. Casou com Maria de Amorim, filho:
2. Domingos Gomes \* Arcos de Valdevez, Monte Redondo. Casou Lisboa, São Paulo 03.07.1765 com Lourença Maria \* Arruda dos Vinhos, Arranhó (filha de José Lourenço e de Maria Jerónima), filho:
3. José António Gomes Pincete \* Lisboa, Santo Estêvão. Casou Lisboa, Encarnação 16.07.1790 com Ana Joaquina Rosa \* Lisboa, Encarnação (filha de João Pacheco Soares \* Oliveira de Azeméis, Pinheiro da Bemposta e de Luísa Maria Cordeiro \* Loures, Bucelas), filhos:
4. Francisco Herculano Gomes Pincete \* Lisboa, Santa Justa 25.09.1805. Casou duas vezes: 1.º Lisboa, São José 25.10.1834 com Maria Madalena Branco \* Lisboa, Encarnação † Lisboa, Madalena (filha de José Gonçalves Branco e de Francisca Rosa); 2.º Lisboa, Santa Catarina 15.03.1846 com a cunhada Francisca Rosa Branco \* Lisboa, Encarnação
4. Mariana Luísa das Neves \* Lisboa, São Mamede 05.08.1791. Casou com Manuel Joaquim Dias (1.º, n.º 2)

## 3.º

1. Domingos José Vieira. Casou com Maria Gonçalves, filhos:
2. Domingos José Vieira \* Guimarães (negociante). Casou duas vezes: 1.º

Santarém, São Salvador com Maria da Assunção da Silva † Lisboa, São João da Praça 14.12.1830 (filha de Joaquim Duarte da Silva e de Maria do Rosário); 2º Lisboa, Conceição Nova 06.07.1833 com Maria do Ó Chaves Gonçalves (filha de Francisco da Costa Chaves e de Maria Doroteia, tinham mais um filho chamando Libânio da Costa Chaves), filhos:

Do 1º casamento:

3. António Barnabé Vieira \* Lisboa, São João da Praça 11.06.1826 (negociante). Casou Lisboa, São Nicolau 19.05.1860 com Maria Inês da Piedade e Sousa \* Santarém, Salvador c.1828 (filha de José Joaquim Fernandes de Sousa e de Joana Margarida do Castelo Benedita Pires, neta paterna de Manuel José Fernandes e de Josefa da Cruz, neta materna de António Pires e de Maria Bárbara)
3. Maria da Conceição Vieira \* Lisboa, São João da Praça 02.12.1827. Casou com Francisco Eduardo Dias (1.º, n.º 3)
3. Emília \* Lisboa, São João da Praça 14.06.1829

Do 2º casamento:

3. Maria José da Costa Vieira \* Lisboa, Madalena 04.04.1835 † Sintra, Queluz 11.08.1892 às 7H. Casou Lisboa, Sé 09.09.1850 com Augusto Sebastião de Castro Guedes 1º Visconde de Castro Guedes (4.º, n.º 4)

#### 4.º

1. Manuel Rodrigues Guedes. Casou com Catarina Francisca, filho:
2. José António Rodrigues Guedes \* Guarda, Jarmelo, Pomares. Casou Lisboa, Ajuda 06.08.1778 com Maria Joaquina de Castro \* Caldas da Rainha, Serra do Bouro (filha de Carlos José de Almeida e de Maria Antónia), filhos:
3. Fausto João de Castro Guedes \* Lisboa, Ajuda. Casou Lisboa, Encarnação 25.06.1825 com Maria Inácia do Carmo \* Lisboa, Santa Encarnação

(filha de João Gonçalves \* Galiza, Orense, Santa Maria do Campo e de Maria Joaquina da Piedade \* Lisboa, Santa Encarnação, recebidos na dos Mártires)

3. Joaquim José de Castro Guedes \* Lisboa, Santa Engrácia (oficial de Marinha). Casou Lisboa, Encarnação 07.08.1816 com Gertrudes Maria da Encarnação \* Lisboa, Encarnação (filha de João Gonçalves \* Galiza e de Maria Joaquina \* Lisboa, Encarnação, recebidos na freguesia dos Mártires), filhos:

4. Adelaide \* Lisboa, Encarnação 24.04.1820

4. Augusto Sebastião de Castro Guedes \* Lisboa, Conceição (Capitão de Fragata, Conselheiro) 1º visconde de Castro Guedes. Casou Lisboa, Sé 09.09.1850 com Maria José da Costa Vieira (3.º, n.º 3), filhos:

5. Augusto Sebastião de Castro Guedes Vieira \* Lisboa, Santo André 04.05.1853 (general). Casou Lisboa, Sé 31.01.1880 com a prima Maria Augusta de Sá Vasconcelos de Castro Guedes (4.º, n.º 5)

5. Leonor Augusta Vieira de Castro Guedes \* Lisboa, Sé 18.09.1868 às 16H. Casou Lisboa, Sé 20.09.1897 com Augusto Rosa (actor) (filho de João Anastácio Rosa e de Adelaide Augusta Videira, tinham um filho chamado João Rosa)

4. José Joaquim de Castro Guedes \* Lisboa, Encarnação c.1826. Casou Lisboa, Santo André 22.06.1868 com Henriqueta Adelaide Loring (5.º, n.º 3)

4. João Maria de Castro Guedes \* Lisboa, Encarnação. Casou Lisboa, São José 01.02.1845 com Maria José de Sá e Vasconcelos (7.º, n.º 4), filha:

5. Maria Augusta de Sá Vasconcelos de Castro Guedes \* Lisboa, Coração de Jesus 27.08.1857. Casou com o primo Augusto Sebastião de Castro Guedes Vieira (4.º, n.º 5)

## 5.º

1. Jacob Loring ou Loving. Casou Estados Unidos da América, Boston com Margareth Brao (?), filhos:

2. William Loring (morador em Lisboa)
2. Joseph Loring \* Boston (protestante). Casou Lisboa, Encarnação 26.08.1807 com Mariana Emília Carrère (6.º, n.º 3), filhos:
  3. Emília Sofia Loring \* Lisboa, Encarnação 21.01.1809. Casou Lisboa, Santa Justa 16.10.1830 com Sebastião José da Costa \* Lisboa, Santa Justa (filho de José Joaquim da Costa (casou primeira vez com Cecília Catarina Bárbara † Lisboa, São João da Praça) e de Margarida do Carmo Bontempo \* Lisboa, Loreto, os quais casaram em Lisboa, Sacramento 23.01.1799, neto materno de Francisco Xavier Bontempo e de Mariana da Silva)
  3. Henriqueta Adelaide Loring \* Lisboa, São Paulo 01.03.1818. Casou com José Joaquim de Castro Guedes (4.º, n.º 4)
  3. Carolina Ema Loring \* Lisboa, São Paulo 20.04.1821. Casou Lisboa, São José 16.09.1848 com António José Teixeira \* Lisboa, Anjos<sup>32</sup>

## 6.º

1. Jean Carrère. Casou com Marie Taviem, filho:
  2. Pierre Carrère \* França, Bayonne, Santa Maria. Casou Lisboa, São Paulo 04.02.1784 com Teresa Violante d' Erville \* Lisboa, Mercês (filha de Henri Claude d' Erville e de Mariana Joaquina), filhos:
    3. Joana Maria Carrère \* Lisboa, Sacramento. Casou Lisboa, São Paulo 14.07.1806 com Johann Stephan Barandon \* Prússia, Berlim (protestante, filho de Paul Barandon e de Maria Heinrike)
    3. Mariana Emília Carrère \* Lisboa, Encarnação. Casou com Joseph Loring (5.º, n.º 2)
    3. Júlia Sofia Emília Carrère \* Lisboa, Encarnação. Casou Lisboa, São Paulo 18.11.1813 com Carlo Caviglioli \* Itália, Alessandria (filho de Raimundo

<sup>32</sup> Filho de António Eusébio Teixeira Machado \* Lisboa, Santo André e de Teresa de Jesus Perpétua de Faria \* Lisboa, Anjos, os quais casaram em Lisboa, Anjos 18.02.1814 (testemunhas José Maria Lopes de Faria e Luís Heudeviges Teixeira Machado), neto paterno do Doutor António José Teixeira Machado e de Ana Rita Xavier, neto materno de João Lopes de Faria e de Maria Antónia de São Boaventura.

Cavigioli e de Margarita Bezio, tinham mais um filho chamado Pietro Cavigioli)

### 7.º

1. Narciso António. Casou com Maria de Sá e Vasconcelos, filho:
2. Manuel de Sá e Vasconcelos \* Anadia, Vila Nova de Monsarros. Casou Lisboa, São Sebastião da Pedreira 02.11.1773 com Luzia Maria Joaquina \* Lisboa, Santa Isabel ou São Sebastião (filha de António Ferreira Temudo e de Maria Francisca), filhos:
3. Francisco Manuel de Sá e Vasconcelos \* Lisboa, São Sebastião da Pedreira 08.01.1789 (alferes no regimento de cavalaria n.º 7). Casou Lisboa, São Sebastião da Pedreira 24.05.1811 com Maria do Carmo Lúcia ou Lina Pereira de Azevedo Sousa e Seita \* Coruche, Coruche (filha de António de Seita e de Angélica Pereira de Azevedo)
4. Maria José de Sá e Vasconcelos \* Lisboa, São Sebastião da Pedreira 29.05.1814. Casou com João Maria de Castro Guedes (4.º, n.º 4)

## Número 6 – Família Saraiva e suas ligações

### 1.º

1. José Rodrigo da Costa. Casou com Maria do Carmo, filhos:
2. Ana do Carmo
2. Bernardo António (doutor)
2. Inácio Rodrigo da Costa Saraiva \* Viseu, Boa Aldeia. Casou com Maria Leopoldina Osório (filha de João António e de Maria Osório), filhos:
3. José Osório Saraiva \* Viseu, Boa Aldeia 27.04.1854 † Lisboa, Camões 25.06.1938 (Delegado Procurador Régio na Vila de Reguengos de Monsaraz). Casou Lisboa, São Cristóvão e São Lourenço Capela/Oratório

dos Viscondes do Rosário 15.07.1889 com Maria Clementina do Conde (4.º, n.º 6)

3. Francisco de Paula Osório Saraiva \* Viseu, Boa Aldeia 06.03.1856 (capitão de Infantaria e engenheiro civil). Casou Lisboa, Lumiar 29.01.1896 com Ana Albina (2.º, n.º 3)

## 2.º

1. Ana Albina \* Arouca, Arouca c.1852 (batizada como exposta no Hospício dos Expostos na Diocese do Porto). Casou duas vezes: 1º Lisboa, São José 25.01.1890 com António Rodrigues dos Santos Almeida \* São Pedro do Sul, São Pedro do Sul (3.º, n.º 2); 2º Lisboa, Lumiar 29.01.1896 com Francisco de Paula Osório Saraiva (1.º, n.º 3)

## 3.º

1. António de Almeida Canhões. Casou com Antónia Rita Rodrigues dos Santos, filho:
2. António Rodrigues dos Santos de Almeida \* São Pedro do Sul, São Pedro do Sul c.1815. Casou duas vezes 1.º com Antónia Rozo Cardoso \* Brasil, Pará c.1822 † Lisboa, Santa Justa 12.02.1880 (filha do Coronel António Bernardo Cardoso e de Francisca Rozo); 2.º com Ana Albina (2.º, n.º 1), filhos:

Do 1.º casamento:

Sem sucessão.

Do 2.º casamento:

2. Antónia Albina dos Santos de Almeida \* Lisboa, São José 08.04.1872 às 20H (perfilhada em 1887 e legitimada pelo casamento dos pais)

#### 4.º

1. Baltazar Martins Sodré. Casou com Maria da Costa (?) de Melo, filho:
2. Manuel Fernandes de Miranda. Casou Santa Cruz, Guadalupe 12.II.1730 com Vitória Espínola de Bettencourt (filha de António do Conde Sodré e de Maria de Ávila de Bettencourt), filho:
3. António do Conde Sodré \* Santa Cruz, Guadalupe. Casou duas vezes:  
1.º Santa Cruz, Guadalupe 13.06.1759 com Maria do Rosário (filha de Francisco Correia Picanço e de Filipa de Jesus); 2.º Guadalupe 17.08.1775 com Maria do Rosário \* Guadalupe (filha de António José Lobão e de Maria de M...a), filhos:

Do 1.º casamento:

4. António do Conde Sodré. Casou Guadalupe 21.02.1792 com sua prima Maria Antónia de São José (filha de José Ferreira (?) e de Inês Correia (??))

Do 2.º casamento:

4. João José do Conde
4. Rosa do Conde
4. Mateus do Conde dos Anjos \* Açores, Graciosa, Santa Cruz, Guadalupe. Casou Santa Cruz, Guadalupe 10.07.1813 com Joaquina de Melo Pacheco \* Guadalupe (filha de Manuel José da Cunha Pacheco e de Maria da Glória)
4. Teodósio José do Conde \* Guadalupe. Casou Guadalupe 09.06.1816 com Maria de Melo Pacheco \* Guadalupe (filha de João dos Santos de Melo Pacheco e de Maria de Melo), filho:
5. Manuel José do Conde \* Guadalupe 05.04.1817 1º Visconde do Rosário. Casou com Eufrosina Ermelinda do Nascimento \* Brasil, São Salvador da Baía, Santana c.1829 † Lisboa, São Cristóvão e São Lourenço 28.01.1889 às 16H (filha natural de Maria Clementina da Silva Pimentel), filhos:

6. Manuel José do Conde Júnior  
 6. Amélia Carolina Conde  
 6. Ana Eufrosina Conde  
 6. Eufrosina Ermelinda do Nascimento do Conde \* São Salvador da Baía, Sé c.1858. Casou Lisboa, São Cristóvão e São Lourenço Capela/Oratório dos Viscondes do Rosário 19.11.1881 às 16:30H com Joaquim dos Santos Lima \* Nelas, Santar c.1846 (negociante, filho de José dos Santos e de Ludovina Cândida), filho:
7. Álvaro dos Santos Lima \* Lisboa, São Cristóvão e São Lourenço 1884 † 27.07.1958 (engenheiro mecânico). Casou Lisboa, Coração de Jesus 25.11.1907 com Teresa Tavares de Oliveira \* Gouveia, Lagarinhos c.1883 † 22.09.1936 (filha de José da Silva Tavares e de Maria Helena)
6. Maria Clementina do Conde. Casou três vezes 1.º com Manuel dos Santos Neves † Lisboa; 2.º Lisboa, São Cristóvão e São Lourenço Capela/Oratório dos Viscondes do Rosário 27.05.1882 com António Teixeira de Moraes \* Chaves, Redondo c.1850 † Lisboa, Lisboa, São Cristóvão e São Lourenço 06.06.1887 às 10:45H (negociante, filho de Manuel Teixeira de Moraes e de Júlia Rodrigues); 3.º com José Osório Saraiva (1.º, n.º 3), filhos:

Do 2.º casamento:

Sem sucessão.

## Número 7 – Família Branco e suas ligações

### 1.º

1. Manuel José de Sousa. Casou com Leonor Tomásia, filho:
2. Joaquim Máximo de Sousa Monteiro (farmacêutico). Casou com Maria Clara Clementina Rodrigues de Macedo (filha de José Rodrigues Caetano e de Mariana Rita de Macedo, tinham um filho chamado Joaquim Júlio Rodrigues de Macedo), filhos:

3. José Augusto de Sousa Monteiro
3. Joaquim Augusto de Sousa de Macedo Monteiro (Conselheiro Padre)
3. Maria Adelaide de Sousa de Macedo
3. Arménio Máximo de Sousa Macedo \* Cantanhede, Cantanhede 09.05.1856. Casou Lisboa, Santa Isabel 29.12.1890, com Maria da Natividade Mendes da Fonseca \* Seia, Torrozel 20.04.1858 (filha de Albino José Marques e de Ana Casimira Mendes da Fonseca)
3. Olímpia Branca de Sousa de Macedo \* Cantanhede, Cantanhede 01.09.1861 às 2H. Casou Lisboa, Santos-o-Velho 05.11.1881 com Carlos Augusto Branco (2.º, n.º 4)

## 2.º

1. João Francisco Branco. Casou com Francisca Isabel, filho:
2. Ricardo Francisco Félix Branco \* Lisboa, Encarnação. Casou com Francisca Maria da Trindade \* Lisboa, Sacramento (filha de António Caetano Arsénio e de Leandra Marcelina da Trindade), filhos:
3. Francisco de Paula Branco
3. Domingos Félix Branco \* Lisboa, São José 23.03.1816. Casou Lisboa, São José 30.04.1853 com Henriqueta Sofia da Silveira Viana (3.º, n.º 3), filho:
4. Carlos Augusto Branco \* Lisboa, São José 20.03.1854 † Lisboa, Anjos 13.04.1902 às 22H (negociante). Casou com Olímpia Branca de Sousa de Macedo (1.º, n.º 3), filha:
5. Virgínia Sofia de Macedo Branco \* Lisboa, São José 20.04.1883 às 4H † Lisboa, Anjos 15.02.1961 às 14:30H. Casou Lisboa, Anjos 22.06.1903 com Artur Baptista Fernando Rocha (4.º, n.º 3)

## 3.º

1. João António Viana. Casou com Josefa Maria, filhos:

2. José António Viana
2. João António Viana \* Lisboa, Madalena. Casou Lisboa, Sé 18.01.1813, com Maria Febrónia Barbosa da Silveira \* Lisboa, São José (filha de José Maria Barbosa da Silveira e de Ana Teresa Febrónia, tinha um irmão chamado Nicolau João Barbosa da Silveira), filha:
3. Henriqueta Sofia da Silveira Viana \* Lisboa, Conceição Nova 23.12.1819. Casou com Domingos Félix Branco (2.º, n.º 3)

#### 4.º

1. Fernando Joaquim de Sousa Rocha \* Portugal, Cana (?). Casou com Maria Joaquina Ramos de Araújo \* São Salvador da Baía (filha de Joaquim Ramos de Araújo e de sua primeira mulher, casou depois com Maria do Carmo), filhos:
2. Carlota Augusta Rocha
2. Fernando Maria de Sousa Rocha \* Angra do Heroísmo, Sé 15.03.1812 † Angra do Heroísmo, Sé 18.12.1842. Casou Angra do Heroísmo, Sé Oratório das Casas de Fernando Joaquim de Sousa Rocha 30.11.1835 com Maria Madalena de Bettencourt de Vasconcelos e Lemos (5.º, n.º 3), filho:
3. Fernando Maria de Sousa Rocha \* Angra do Heroísmo, Sé 06.01.1841 (advogado). Casou Angra do Heroísmo, Terra Chã 20.06.1863 às 15H (registado na freguesia da Sé) com Maria Carlota Pamplona da Silva Baptista \* c. 1845 (6.º, n.º 5)
4. Artur Baptista Fernando Rocha \* Angra do Heroísmo, Sé 01.05.1873 às 20H † Lisboa, Anjos, 13.02.1953 (médico). Casou com Virgínia Sofia de Macedo Branco (2.º, n.º 5), filha:
5. Maria Guilhermina de Macedo Branco Rocha \* Setúbal, São Julião 14.04.1904 às 14H † Lisboa, Anjos 27.02.1983. Casou 26.12.1927 com José Pereira da Silva da Costa (Capitão de Mar e Guerra)

## 5.º

1. Vital de Bettencourt de Vasconcelos e Lemos<sup>33</sup>. Casou com Maria Madalena Victória de Castelo-Branco do Canto, filho (entre outros):
2. Bento José de Bettencourt e Vasconcelos de Lemos Castelo-Branco \* Angra do Heroísmo, Sé 03.04.1787 † Angra do Heroísmo, Sé 27.01.1852. Casou Angra do Heroísmo, São Pedro Ermida de Nossa Senhora da Oliveira 23.10.1815 (registado na freguesia da Sé) com Maria de Bettencourt Teixeira de Sampaio \* Angra do Heroísmo, Sé 06.10.1785 † Angra do Heroísmo, Sé 09.11.1859 (filha de Francisco José Teixeira de Sampaio e de Eulália Floriana Gualberta Cabral de Melo Carvão), filhos:
3. Maria Madalena de Bettencourt de Vasconcelos e Lemos \* Angra do Heroísmo, Sé 06.08.1819 † Angra do Heroísmo, Sé 02.06.1842. Casou com Fernando Maria de Sousa Rocha (4.º, n.º 2)
3. Francisca de Bettencourt Vasconcelos e Lemos. Casou com George Philipps Dart, filha:
4. Maria de Sampaio Dart \* Angra do Heroísmo, Sé. Casou Angra do Heroísmo, São Mateus Capela de Nossa Senhora das Mercês 19.07.1862 (registado na freguesia da Sé) com Cândido Pacheco de Mello Forjaz de Lacerda \* Angra do Heroísmo, Sé 1º Visconde de Nossa Senhora das Mercês (filho de João Pereira Forjaz Sarmento de Lacerda e de Maria José Menezes Pacheco de Melo)

## 6.º

1. Manuel António dos Santos. Casou com Maria da Silva Baptista, filho:
2. António da Silva Baptista \* Vila Nova de Gaia, Avintes. Casou Angra do Heroísmo, Sé 12.04.1856 com Maria Carlota Pamplona Côrte-Real (7.º, n.º 2), filhos:

<sup>33</sup> Esta família vem desenvolvida na obra *Genealogias da Ilha Terceira* (Mendes; Forjaz, 2007).

3. Jacinto da Silva Baptista \* Angra do Heroísmo, Sé 18.12.1838
3. Henrique da Silva Baptista \* Angra do Heroísmo, Sé 06.02.1840
3. António \* Angra do Heroísmo, Sé 01.08.1841
3. Maria Carlota Pamplona da Silva Baptista \* Angra do Heroísmo, Sé 17.01.1844. Casou com Fernando Maria de Sousa Rocha (4.º, n.º 3)
3. Carlos \* Angra do Heroísmo, Sé 26.09.1847

Todos os filhos foram legitimados pelo casamento dos pais. Os assentos de batismo foram registados a 30 de Junho de 1860, conforme estão nos assentos paroquiais da freguesia da Sé de Angra do Heroísmo.

#### 7.º

1. Francisco Pamplona Machado Côrte-Real. Casou com Mariana Teodora do Rego ou Moniz Barreto, filha:
2. Maria Carlota Pamplona Côrte-Real. Casou duas vezes: 1.º Angra do Heroísmo, São Bento Oratório das Casas do Capitão-Mor José Maria do Carvalho da Silveira 28.07.1831 com João Moniz Corte-Real \* Cascais, Cascais † antes de 1856 (filho de João Moniz Côrte-Real e de Joaquina do Carmo de Moura Portugal); 2.º com António da Silva Baptista (6.º, n.º 2)

### Número 8 – Família Branco Rodrigues

#### 1.º

1. José Maria Rodrigues. Casou Lisboa, Conceição com Vitorina Carlota do Nascimento (filha de António Anastácio do Nascimento e de Ana Maria), filhos:
2. Silvério José Rodrigues
2. José Cândido Rodrigues \* Lisboa, São Nicolau 01.08.1825 (empregado no Bando de Portugal). Casou Lisboa, Mercês 03.06.1857 com Maria José Branco Rodrigues (2.º, n.º 4), filho:

3. José Cândido Branco Rodrigues \* Lisboa, Mercês 18.10.1861 às 15:45H  
† Cascais, Estoril 18.10.1926 às 20H. Casou Lisboa, São Mamede  
31.12.1915 com Emília Maria Pereira \* Lisboa, Socorro (filha de Manuel  
João Pereira e de Maria da Nazaré Maio), filha:

4. Maria José Branco Rodrigues \* Lisboa, São Paulo 08.11.1908 às 11:30H

## 2.º

1. Lorenzo Rodriguez. Casou com Maria Rosa, filho:

2. José Rodriguez \* Galiza, Mélon, Santa Maria. Casou Lisboa, Sé 17.04.1792  
com Maria do Vale \* Lisboa, Castelo (filha de Domingos de Sousa e de  
Josefa Maria), filho:

3. José Rodrigues \* Lisboa, Sé 01.10.1795 bp 18.10.1795. Casou Lisboa, São  
Paulo Oratório das casas de José Alves Branco na Rua do Alecrim 22.05.1817  
com Maria José Alves Branco de Pimentel Maldonado (3.º, n.º 3), filhos:

4. António Romão Branco Rodrigues

4. Maria José Branco Rodrigues \* Lisboa, São Paulo 31.10.1833. Casou com  
José Cândido Rodrigues (1.º, n.º 2)

4. José Maria Alves Branco

## 3.º

1. João Alves Branco. Casou com Joana Teresa, filho:

2. José Alves Branco \* São Salvador da Baía, Sé. Casou Lisboa, Santa Catarina  
Oratório das casas de José Inácio Borques 07.01.1793 com Ana Rita de  
Pimentel Maldonado \* Lisboa, Mercês (filha de José Inácio Borques e de  
Ana Josefa Joaquina Ancora), filhos:

3. José \* Lisboa, Encarnação 30.10.1795

3. Maria José Alves Branco de Pimentel Maldonado \* Lisboa, Encarnação  
02.06.1797. Casou com José Rodrigues (2.º, n.º 3)

## Número 9 – Família Castanha

### I.º

1. Salvador Castanha. Casou com Maria Castanha, filho:
2. José Castanha \* Ilha de Malta, Gudja. Casou Lisboa, Madalena 09.04.1817 com Inês Maria do Carmo \* Barreiro, Barreiro<sup>34</sup>, filho:
3. Salvador José Castanha \* Lisboa, Madalena. Casou Lisboa, Campo Grande Ermida de Santo António do Barão de Samora Correia 16.06.1853 (registo no de Santa Justa) com Carolina Amália do Carmo Basto (2.º, n.º 4), filhos:
4. Eloy António Basto Castanha \* Lisboa, Santa Justa 14.04.1862 às 9:23H. Casou Lisboa, Sacramento 12.08.1889 com Eugénia Pires \* Lisboa, Sacramento c.1868 (filha de Emídio Xavier Pires e de Adelaide Guilhermina Teixeira)

### 2.º

1. António Gomes da Silva. Casou com Custódia Maria Mondes, filhos:
2. Francisco Gomes de Freitas Guimarães
2. João Gomes de Freitas Guimarães \* Guimarães, Sande (São Lourenço). Casou Lisboa, Sé 14.04.1793 com a prima Maria do Carmo de Jesus \* Lisboa, Madalena (filha de António José Teixeira Delgado e de Francisca Xavier de Freitas), filha:
3. Amália Teodolinda das Dores \* Lisboa, Sé 12.01.1809. Casou Lisboa, Sé 15.01.1832 com Elói António Basto \* Lisboa, Sé 22.11.1793 (filho de António José Gomes Basto \* Mondim de Basto, Mondim de Basto e de Rita Maria Pimentel \* Sesimbra, Santiago, recebidos em Arrentela, Seixal), filha:

<sup>34</sup> Filha de António Moreno (?) e de Josefa Maria, viúva de Rosário Formosa \* Ilha de Malta, Gudja † Lisboa, Madalena, filho de Salvador Formosa e de Rosa Maria, os quais casaram em Lisboa, Madalena 30.01.1814.

4. Carolina Amália do Carmo Basto \* Lisboa, Santa Justa. Casou com Salvador José Castanha (1.º, n.º 3)

## Número 10 – Família Gomes e suas ligações

### 1.º

1. Vicente Gómez y Tojar \* Andaluzia, Granada (doutor). Casou com Anna Pratt \* Londres, filhos:
2. Vicente Pedro Joaquim Pratt Gómez \* Gibraltar (chefe de contabilidade do caminho de ferro). Casou Setúbal, São Julião 14.10.1872 com Dilara Pacheco da Silva (filha de João José da Silva e de Ana de Jesus Maria Pacheco<sup>35</sup>)
2. Guilherme João Gomes (empregado nos Caminhos-de-Ferro, súbdito britânico) \* Gibraltar. Casou Lisboa, Sé 03.09.1866 com Maria Augusta da Costa Carvalho Leitão (viúva de N † Lisboa, Coração de Jesus), filhos:
3. Carolina Augusta Gomes \* Lisboa, Mercês. Casou Lisboa, Mercês 08.08.1887 com Manuel da Veiga Ottolini \* Lisboa, Benfica
2. Alexandre Miguel Gomes (engenheiro, empregado público, batizado na religião protestante). Casou com Guilhermina Augusta \* Lisboa, São Paulo 21.12.1841<sup>36</sup>, filhos
3. Pedro Augusto Gomes
3. Guilherme Eduardo Gomes (desenhador e construtor) \* Lisboa, São Mamede 11.06.1865 (batizado na religião católica, padrinho Manuel da Veiga Ottolini e madrinha Guilhermina Sousa). Casou Lisboa, Anjos 07.05.1892 com Edvigis da Conceição de Sousa \* Lisboa, Socorro

<sup>35</sup> Tinham também um filho chamado João José Pacheco da Silva, e a mãe Ana de Jesus Maria Pacheco tinha um irmão solteiro em 1872 chamado João José Pacheco.

<sup>36</sup> Filha de André António Domingues \* Galiza, São Salvador de Soutomaior e de Marcelina de Faro \* Galiza, São Martinho Bargea de Mera, os quais casaram Lisboa, São Paulo 20.01.1836, neta paterna de Lourenço Domingues e de Manoela Languinhos. A avó Marcelina de Faro casou a primeira vez com Pedro Bento Moinhos.

07.12.1870 às 3:15H<sup>37</sup>, filhos:

4. Eduardo Gomes \* Lisboa, São Mamede 14.12.1892 às 8H † Lisboa, Lapa 08.03.1962 às 18:30H. Casou Oeiras 1912 com Maria Hebe<sup>2</sup> De Carvalho Gonçalves \* Porto Cedofeita

<sup>37</sup> Filha de Francisco Guilherme de Sousa \* Rio de Janeiro, Sacramento c.1849, engenheiro agrónomo, e de Revocata da Paixão da Silva Franco \* Lisboa, Santa Justa c.1848, os quais casaram em Lisboa, Santa Engrácia 12.09.1867, neta paterna de António Batista de Sousa \* Minho e de Guilhermina K...el de Sousa \* Rio de Janeiro, neta materna de António Francisco Franco e de Maria das Dores da Silva.

## Bibliografia

Achilles (1909). “Casa de habitação do Sr. Dr. Manuel de Castro Guimarães : Architecto, Sr. José Luiz Monteiro”. *A Architectura Portuguesa*, N.º 1, Janeiro de 1909.

Achilles e Benoliel (1910). “A Legação de Italia : Antes e depois do incendio”. *Ilustração Portuguesa*, N.º 202, 3 de Janeiro de 1910.

Achilles e Vidal & Fonseca (1908). “Sanatorio de Sant`Anna (Parede) : Architecto, Rozendo Carvalheira”. *A Architectura Portuguesa*, N.º 9, Setembro de 1908.

Agrawal, R. R. *A Casa – The Medieval Revival and Its Influence on the Romantic Movement*. New Delhi: Abhinav Pubns, 1990.

Almeida, José Valentim Fialho de (1906). “Lisboa Monumental I”. *Ilustração Portuguesa*. N.º 36, 29 de Outubro de 1906.

Arquivo Histórico Municipal de Cascais (AHMC), Joaquim António Vieira (1896), *Projecto para construção d`uma casa no Estoril, propriedade do Ex.mo Snr. Antonio Vianna*. EST/83, fl. 1.

AHMC (1898a), *Projecto da Casa do Ex.mo Snr Francisco de Paula Osorio Sarai-va*, Largo da Palmeira no Mont`Estoril. EST/131, fl. 1.

AHMC, Paul Leonard Gaston Landeck (1898b), *Planta da casa do Ex.mo Snr. Diogo Joaquim de Mattos, no Alto d`Estoril*. EST/150, fl. 1.

AHMC, Francisco Vilaça (1902), *Projecto da Capella que o Ex.mo Sr. Dr. Antonio Vianna pretende construir na sua propriedade sita no Estoril*. EST/230, fl. 1.

AHMC, Manuel Joaquim Norte Júnior (1905), *Projecto de Capella que Antonio Jose de Carvalho deseja edificar no seu terreno junto a Estrada Real em S. João do Estoril*. EST/411, fl. 1.

AHMC, José Teixeira dos Santos (1906), *Projecto da Capella que o Ex.mo Sr. D. Henrique de Alarcão pretende construir no Estoril*. EST/42I, fl. I.

Arquivo Municipal de Lisboa (AML), António José Dias da Silva (1884), *Projecto da casa que Luiz Antonio Xavier pretende construir no seu terreno sito na costa do castello, próximo à rua do milagre de S.to Antonio, segundo a planta geral junta*. 64/1<sup>a</sup>REP/PG/1884I, fl. I.

AML, José Luís Monteiro (1885a), *Projecto de cavallariça, cocheira, palheiro e quartos para creados que Manoel de Castro Guimaraes deseja construir junto ao seu prédio no Pateo do Thorel*. 2984/1<sup>a</sup>REP/PG 1885I, fl. I.

AML, José Luís Monteiro (1885b), *Projecto que apresenta Manoel de Castro Guimaraes em substituição do que foi approvedo pela Ex.ma Camara em 22 de Novembro de 1884 para a construcção d`um predio no seu terreno sito na Travessa do Thorel n.º 29-31-freguesia da Pena*. 543/1<sup>a</sup>REP/PG 1885I, fl. I.

AML (1893), *Projecto António Maria de Lencastre*. 4918/1<sup>a</sup>REP/PG/1893I, fl. I.

AML, José Luís Monteiro (1897), *Projecto capela Dr. Manuel de Castro Guimarães*. 5546/1<sup>a</sup>REP/PG/1897I, fl. I.

AML, Vicillard & Touzet (1898a), *Projecto de construcção de uma igreja Presbyteriana e uma casa de habitação para o pastor a construir na rua do Arriaga d`esta cidade*. 3689/1<sup>a</sup>REP/PG/1898I, fl. I.

AML, Miguel Ventura Terra (1898b), *Projecto João Cardoso Valente*. 2925/1<sup>a</sup>REP/PG/1898I, fl. I.

AML (1900), *Projecto Cármen Graziela Castilla da Rocha*. 2634/1<sup>a</sup>REP/PG/1900I, fl. I.

AML, Miguel Ventura Terra (1902), *Projecto Henrique José Monteiro de Mendonça*. 3522/1<sup>a</sup>REP/PG/1902I, fl. I.

AML, Cardoso, Dargent & C.<sup>a</sup> (1904), *Projecto de um jardim de inverno para o Ex.mo Sr. Manoel de Castro Guimarães*. 1811/1<sup>ª</sup>REP/PG/1904I, fl. 1.

AML, Ernesto Higino Vieira Dias (1905a), *Projecto de casa que Augusto Sebastião de Castro Guedes Vieira, pretende mandar construir no seu terreno na Avenida Fontes Pereira de Mello*. 4303/1<sup>ª</sup>REP/PG/1905I, fl. 1.

AML, Álvaro Augusto Machado (1905b), *Projecto que a Ex.ma Sr.<sup>a</sup> D. Olympia de Macedo Branco, deseja construir no seu terreno situado no angulo da Avenida Ressano Garcia e Rua Visconde Valmôr*: 6001/1<sup>ª</sup>REP/PG/1905I, fl. 1.

AML (1905c), *Projecto para o prédio que o Ex.mo Snr Francisco de Paula Osorio Saraiva deseja construir no seu terreno sito na Avenida Ressano Garcia, com serventia pela Avenida Hintze Ribeiro, lotes n.º 64-65-68*. 6001/1<sup>ª</sup>REP/PG/1905I, fl. 1.

AML, Manuel Joaquim Norte Júnior (1906), *Projecto de casa de habitação que Branco Rodriguez pretende edificar no seu terreno limitado pelas Avenidas: Ressano Garcia e Visconde Valmôr, freguesia S. Sebastião da Pedreira, 3.º bairro*. 1558/1<sup>ª</sup>REP/PG/1906I, fl. 1.

AML, Manuel Joaquim Norte Júnior (1910a), *Projecto de uma casa de habitação que Elvira Augusta Correia de Freitas Rosa pretende construir no seu terreno sito na Estrada d'Alfarrobeira n.os 443 a 444 freguesia de Bemfica – 3.º Bairro*. 4115/1<sup>ª</sup>REP/PG/1910I, fl. 1.

AML, Manuel Joaquim Norte Júnior (1910b), *Projecto de uma casa para habitação propria que Jose Carreira de Souza pretende construir no seu terreno sito na Alameda do Lumiar*. 5604/1<sup>ª</sup>REP/PG/1910I, fl. 1.

C. A. (1909). “Instituto dos Cegos «Branco Rodrigues»”. *O Occidente*, N.º 1104, 30 de Agosto de 1909.

Canedo, Fernando de Castro da Silva. *A Descendência Portuguesa de El-Rei D. João II*. Lisboa: Fernando Santos e Rodrigo Faria de Castro, 2006.

Carvalho, Ferreira d`Almeida (1910). “A Legação de Italia : Antes e depois do incendio”. *Ilustração Portuguesa*, N.º 202, 3 de Janeiro de 1910.

Castilho, Augusto de (1910). “Igrejas, Mosteiros e Capellas: Capella do Coração Eucharistico de Jesus”. *Brasil-Portugal*, N.º 279, 1 de Setembro de 1910.

Collares, E. Nunes (1902a). “Capella do palacete do sr. Dr. Manoel Castro Guimarães (No pateo do Thorel em Lisboa): Architecto, sr. José Luiz Monteiro”. *A Construcção Moderna*, N.º 55, 1 de Abril de 1902.

Collares, E. Nunes (1902b). “Casa do ex.mo sr. Francisco António Xavier : Na Costa do Castello, em Lisboa: Projecto do architecto, sr. Antonio José Dias da Silva”. *A Construcção Moderna*, N.º 87, 20 de Fevereiro de 1902.

Collares, E. Nunes (1904a). “Capella na propriedade do ex.mo sr. J. Pereira : No concelho de Mirandella : Architecto sr. Costa Campos”. *A Construcção Moderna*, N.º 138, 20 de Julho de 1904.

Collares, E. Nunes (1904b). “Casa da ex.ma sr.<sup>a</sup> Condessa de Taboeira: Na rua Arriaga : Architecto, sr. Ventura Terra”. *A Construcção Moderna*, N.º 152, 10 de Dezembro de 1904.

Collares, E. Nunes (1905a). “Capela na rua Renato Baptista : Em Lisboa: Na propriedade do ex.mo sr. Joaquim Antonio de Carvalho: Architecto, sr. Alfredo d`Ascenção Machado”. *A Construcção Moderna*, N.º 154, 1 de Janeiro de 1905.

Collares, E. Nunes (1905b). “Projecto para a Casa da Ex.ma Sr.<sup>a</sup> D. Olympia de Macedo Branco: No ângulo da Avenida Ressano Garcia e Rua Visconde de Valmôr: Auctor, o architecto Alvaro Machado”. *A Construcção Moderna*, N.º 171, 10 de Julho de 1905.

Collares, E. Nunes (1907). “Casa do Sr. General Augusto S. de Castro Guedes Vieira: Na Avenida Fontes Pereira de Mello : Projecto do sr. Ernesto H. Vieira Dias”. *A Construcção Moderna*, N.º 237, 10 de Outubro de 1907.

Collares, E. Nunes (1908). “A casa do sr. Fernando Formigal de Moraes : No parque Amelia de Moraes, na Estephania (Cintra), pelo architecto, Francisco Carlos Parente”. *A Architectura Portuguesa*, N.º 8, Agosto de 1908.

Collares, E. Nunes (1909). “Casa do sr. Branco Rodrigues: Na avenida Ressano Garcia, tornejando para a rua Visconde de Valmôr: Architecto, sr. Norte Junior”. *A Construção Moderna*, N.º 312, 10 de Dezembro de 1909.

Collares, E. Nunes (1910). “Casa do sr. Eloy Castanha: Na Moita: Projecto do sr. Guilherme Eduardo Gomes”. *A Construção Moderna*, N.º 317, 1 de Fevereiro de 1910.

Collares, E. Nunes (1911a). “A Casa Biester em Cintra: Architecto, sr. José Luiz Monteiro”. *A Construção Moderna e as Artes do Metal*, N.º 343, 5 de Abril de 1911.

Collares, E. Nunes (1911b). “Palacete do Ex.mo Sr. Henrique José M. de Mendonça: Na rua Marquez de Fronteira: Architecto, sr. Ventura Terra”. *A Architectura Portuguesa*, N.º 9, Setembro de 1911.

Collares, E. Nunes (1912a). “Villa Catatau: Casa da Ex.ma Sr. <sup>a</sup> D. Elvira Augusta C. de Freitas Rosa: Em St.º Antonio da Convalescença (estrada de Bemfica) : Architecto, sr. M. J. Norte Junior”. *A Architectura Portuguesa*, N.º 1, Janeiro de 1912.

Collares, E. Nunes (1912b). “Villa Catatau: Propriedade da Ex.ma Sr. <sup>a</sup> D. Elvira Augusta Correia de Freitas Rosa: Em Santo Antonio da Convalescença, estrada de Bemfica : Architecto, sr. Norte Junior”. *A Construção Moderna e as Artes do Metal*, N.º 369, 5 de Maio de 1912.

Collares, E. Nunes (1912c). “Villa Souza: Casa do Ex.mo Sr. José Carreira de Souza: Na Alameda do Lumiar : Architecto, sr. Norte Junior”. *A Construção Moderna e as Artes do Metal*, N.º 372, 20 de Junho de 1912.

Collares, E. Nunes (1914). “Casa do Ex.mo Sr. Eloy Castanha: Na sua quinta, na vila da Moita: Arquitecto, sr. Guilherme Eduardo Gomes”. *A Architectura Portuguesa*, N.º 5, Maio de 1914.

Collares, E. Nunes (1915). “Casa do Ex.mo Sr. Eloy Castanha: Na sua quinta, na vila da Moita do Ribatejo: Arquitecto, sr. Guilherme E. Gomes”. *A Construção Moderna*, N.º 446, 25 de Julho de 1915.

Collares, Mário (1909). “Casa de habitação do Sr. Dr. Manuel de Castro Guimarães: Architecto, Sr. José Luiz Monteiro”. *A Architectura Portuguesa*, N.º 1, Janeiro de 1909.

Corrêa, Manuel de Mello. *Anuário da Nobreza de Portugal – 1985 – Tomo II*. Lisboa: Instituto Português de Heráldica, 1985.

Costa Campos, Alfredo Maria da (1908). “Sanatorio de Sant`Anna (Parede) : Architecto, Rozendo Carvalheira”. *A Architectura Portuguesa*, N.º 9, Setembro de 1908.

Curran, Kathleen. *A Casa – The Romanesque Revival: Religion, Politics, and Transnational Exchange*. Pennsylvania: Penn State University Press, 2003.

Faria, Eduardo de 1850-1855 – *Novo dicionario da lingua portugueza: o mais exacto e mais completo de todos os dicionarios até hoje publicados*, Lisboa, Typographia Lisbonense.

Fevereiro, António Francisco Arruda de Melo Cota (2011), *Álvaro Augusto Machado, José António Jorge Pinto e o movimento arte nova em Portugal*. Lisboa: [s.n.]. Dissertação de Mestrado em Arquitectura apresentada na Universidade Lusíada de Lisboa.

Fevereiro, António Francisco Arruda de Melo Cota (2012), Genealogia, dados biográficos e obra de arquitetos, artistas e construtores civis portugueses do século XIX e XX. In *Raízes e Memórias*. Lisboa: Associação Portuguesa de Genealogia.

Fevereiro, António Francisco Arruda de Melo Cota e Antunes, Alexandra Paula de Carvalho (2013), Casas Álvaro Machado, no Alto do Estoril, e a azulejaria de José António Jorge Pinto : resumo biográfico e obra. In *Revista Arquitectura Lusíada* n.º 4. Lisboa: Universidade Lusíada.

Fevereiro, António Francisco Arruda de Melo Cota. “Miguel Ventura Terra, um distinto filho de Seixas”. *O Caminhense*, N.º 1588, 3 de Abril de 2015.

Fonseca, Arnaldo da (1908). “Luiz José Monteiro: A casa Biester”. *A Architectura Portuguesa*, N.º 4, Abril de 1908.

Fonseca, Arnaldo da e Achilles (1908). “Casa do sr. Branco Rodrigues (Na Avenida Ressano Garcia, tornejando para a Rua Visconde Valmôr) : Architecto, Manuel Joaquim Norte Junior”. *A Architectura Portuguesa*, N.º 10, Outubro de 1908.

Forjaz, Jorge. *Genealogias de São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Dislivro, 2012.

França, José Augusto. *A Arte em Portugal no século XIX*. Lisboa: Bertrand, 1966. V. II.

Guedes, Evaristo (1914). “Casa do Ex.mo Sr. Eloy Castanha : Na sua quinta, na vila da Moita : Architecto, sr. Guilherme Eduardo Gomes”. *A Architectura Portuguesa*, N.º 5, Maio de 1914.

Gomes, Ana. *Claudina de Freitas Guimarães Chamiço*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2010.

Machado, Alfredo de Ascensão (1908). “Casa do sr. Branco Rodrigues (Na Avenida Ressano Garcia, tornejando para a Rua Visconde Valmôr) : Architecto, Manuel Joaquim Norte Junior”. *A Architectura Portuguesa*, N.º 10, Outubro de 1908.

Machado, José Pedro (Coord.) 1991 – *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, Edições Alfa.

Mendes, António de Ornelas; Forjaz, Jorge. *Genealogias da Ilha Terceira*. Lisboa: Dislivro Histórica, 2007.

Novaes (1909). “As novas construcções de Cintra: A casa do sr Fernando Moraes”. *Ilustração Portuguesa*. N.º 184, 30 de Agosto de 1909.

Nullus (1906). “Habitações Artísticas: I: A casa do sr. Miguel Angelo Lambertini”. *Ilustração Portuguesa*, N.º 16, 11 de Junho de 1906.

Portugal, Biblioteca de Arte – *Álbum do Palácio dos Marqueses da Foz em Lisboa, ano de 1891 [Material gráfico] [Em linha]*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015 [Consult. 14.05.2017]. Disponível na internet: <http://www.bibartepac.gulbenkian.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1400418J-48TQ3.82862&profile=ba&source=-!fcgbga&view=subscription-summary&uri=full=3100024-!225870-!190&ri=1&aspect=subtab15&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=pal?io+foz&index=GW&uindex=&aspect=subtab15&menu=search&ri=1>.

Ramos, Rui Jorge Garcia. *A Casa – Arquitectura e projecto domestico na primeira metade do século XX português*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2010.

Rocha Martins (1911). “O Palacio Fronteira : Continuado do N.º 294”. *Ilustração Portuguesa*, N.º 296, 23 de Outubro de 1911.

Santos, António Maria dos Anjos (1996), *Para o estudo da arquitectura industrial na região de Lisboa (1846-1918)*. Lisboa: [s.n.]. Tese de Mestrado em História da Arte Contemporânea apresentada na Universidade Nova de Lisboa.

Santos Tavares (1903a). “Habitações Artísticas : Digressões e visitas : A casa de Alfredo Guimarães”. *Ilustração Portuguesa*, N.º 2, 28 de Dezembro de 1903.

Santos Tavares (1903b). “Habitações Artísticas : Digressões e visitas : A casa de Francisco de Magalhães Dominguez”. *Ilustração Portuguesa*, N.º 8, 16 de Novembro de 1903.

Silva, António de Moraes; Moreno, Augusto; Cardoso Júnior, Francisco José; Machado, José Pedro 1949-1959 – *Grande dicionário da língua portuguesa*, Lisboa, Confluência.

Silva, Caetano Alberto da (1909). “A casa do Sr. Fernando Formigal de Moraes em Cintra: Inauguração da capéla”. *Occidente*, N.º 1105, 10 de Setembro de 1909.